

Antes Tarde do que Sempre

Bertoldo Gontijo



sinapsos

Título Antes Tarde do que Sempre

Autoria Bertoldo Gontijo, 2006

Edição Online

1.ª Edição - Agosto de 2007

Fotografia da capa Nicholas Homrich

Grafismo Rui Justiniano

Todos os direitos reservados

SINAPSES Editora

Urbanização Quinta das Lágrimas, lote 1, 1º Esq. Frente, 3000 Coimbra

www.sinapses.net

sinapseseditora@gmail.com

Antes Tarde do que Sempre

Bertoldo Gontijo

sinapsø

Capítulo 1

Como uma cena ruim de filme B europeu, naquele dia estava eu sentado num sofá de couro marrom, usando um jogging velho cinza em cujo peito estava estampada a frase “San Diego, California - Sunny Days”. Ironicamente, embora já fosse o início da manhã, o sol nascia sob nuvens, eu nunca fui pra Califórnia e só durmo tarde da noite. Bem tarde. Já eram mais de quatro horas.

A minha insônia não aparece na hora de dormir, eu percebo que ela vai pintar muito antes. Ela vai se instalando ao longo do dia. Furtiva, espreitando e medindo meu humor, anotando minhas preocupações, observando todos os meus movimentos para usar tudo contra mim depois. Dessa vez por exemplo, eu pude senti-la contando todos os cigarros que eu havia queimado e os cafezinhos que eu havia tomado.

Lá estava eu, mais uma vez, sentindo a madrugada vazia, perdido.

Mesmo me sentindo um trapo, os pensamentos brotavam incontrolavelmente procurando explicações para coisas que nunca se deixarão explicar. Eu era mesmo, de qualquer maneira, como os frenéticos passarinhos neuróticos do jardim, que eu ouvia debruçado na janela do meu pequeno apartamento. Em seus mini-cérebros de amendoim, só tem espaço a rotina: acordar, comer, transar, dormir, acordar...

O ócio pelo qual passei virando essa noite, me permitiu dissecar a minha rotina. Eu vi as entranhas da minha vida. Não foi uma visão muito bonita: um cara hipócrita que acha que a corrida por status é ridícula, mas faz parte dela; um jogador medíocre, que sabe que suas chances de vitória são pequenas e que, apesar disso, no seu íntimo, acredita nela como única opção.

Tomando as rédeas do meu intelecto, comecei a pensar em sexo para espantar esses pensamentos deprimentes. Uma medida que nunca falhava. Foi então que começaram a surgir nos meus devaneios umas garotas que eu havia transado há tempo demais pra lembrar seus nomes, mas não o suficiente para esquecer suas bundas. Pessoas que eu não via há mais de quinze anos. Eram pensamentos tão inú-

teis quanto agradáveis e que me fizeram lembrar que eu não havia vivido uma história inteiramente banal até então. Aquela vida que só eu sabia por inteiro, uma vida que meus velhos nunca imaginaram nas suas melhores performances de “pais preocupados com o futuro do filho”, tinha sido bacana afinal.

Essa maldita falta de sono acabou sendo a minha salvação. Pelo menos, eu estava dando à minha cabeça de amendoim as asas tão desejadas.

Claro, eu sabia que logo seria um dia como todos os outros: previsível, monótono e, se eu tivesse bastante sorte, tranquilo. Mas concluí que seria bom aproveitar a viagem enquanto ela durasse.

Tentei me concentrar de novo, mas não consegui. Resolvi fazer um café forte, apesar da preguiça. Pensei que talvez, assim, meu cérebro pudesse me ajudar.

Caminhei até a cozinha, arrastando as meias no chão frio e, como sempre, meti o dedão do pé na quina do degrau. Abri a geladeira xingando a porra do degrau e fiquei olhando lá pra dentro sem ver nada, até esquecer o que estava fazendo ali, parado, segurando o dedo do pé, olhando fixamente um teco de queijo que sobrou de uma sessão de misto-quente. Voltei para a sala e coloquei um CD para rolar. “All Things Must Pass” – “Sunrise don’t last all morning...”, George Harrison cantava. Um profeta, esse cara! A melodia deprê me deixou triste. E eu nem tinha um motivo bom para isso.

Nessa hora senti falta de ter um motivo, alguém por quem chorar.

Algumas canções têm o poder de mudar o estado de espírito das pessoas, ou mais que isso, mudar o dia, ou mais que isso, mudar o futuro. De repente, percebi que eu tinha sido influenciado por músicas a vida toda, mas nunca havia me dado conta disso.

Voltei até a cozinha – desta vez atento com a porra do degrau –, abri a geladeira (que é o local ideal para guardar café em pó, já dizia minha mãe) e peguei o pote de plástico quase vazio.

O telefone tocou, mas eu não atendi. Aquela hora, só podia ser engano.

Liguei a cafeteira e o cheiro da manhã invadiu a cozinha, invadiu meus pulmões, invadiu meu cérebro de amendoim, que virou paçoca¹ depois que fumei a ponta de um baseado amanhecido. Aqueles perfumes tinham me acompanhado a vida inteira e, agora, estavam me dando linha para que eu continuasse a pescar lembranças no

1 Paçoca de amendoim: doce à base de amendoim, farinha de mandioca e açúcar, típico da comida do estado de São Paulo (Nota do Editor)

mar do meu passado. Me deixei levar pelas ondas e pela música, e então, involuntariamente os fragmentos da minha vida voltaram aos meus pensamentos e, por causa da trilha sonora adquiriram nuances diferentes, com cores separadas, como se tivessem atravessado um prisma. Mostraram-se inteiros, concretos e finalmente claros. Eu entendi por que eu não dormia. Não era meu corpo nem minha mente que estavam exaustos, era a minha alma. O motivo de eu estar mais insone que um baladeiro no sábado à noite tinha se revelado: eu estava incomodado, insatisfeito, incompleto, infeliz.

Capítulo 2

Ela era linda, seus cabelos negros e lisos que caíam sobre os ombros pequenos escondiam quase metade do seu sorriso. Júlia era capaz de fazer brotar saliva na boca de qualquer homem (ou mulher) que tivesse a sorte de vê-la de perto. Dona de um rosto adolescente de porcelana, sentada na cadeira da classe, olhando atentamente para o professor enquanto suas coxas deslizavam descuidadamente para fora da minissaia azul-marinho tipo colegial, era um colírio. Ela sempre me fez tremer de desejo.

Nossa sala de aula era pequena, uns trinta alunos divididos basicamente em quatro turmas: meninos otários, meninos maus, meninas espertas e meninas boazinhas. Eu fazia parte dos meninos otários e Júlia, das meninas boazinhas. Era perfeito.

Ela era minha namorada, embora ainda não soubesse disso. Ela era o motivo principal de eu aguentar a rotina escolar. Um copo d'água gelada num deserto.

Fiquei assim, feliz, muito tempo, amando-a platonicamente, trocando olhares e às vezes até sorrisos tímidos.

Ela me apresentou a insônia. Eu passava madrugadas pensando em planos para me aproximar dela, roubar um beijo, sentir seu hálito de perto uma vez que fosse, mas a coragem me faltava na hora "H", minha auto-confiança se desfazia como areia e escorria por entre meus dedos à medida que meus passos me levavam em direção a ela.

Isso foi muito bom, apesar da angústia que me causava. Era bom sentir aquele frio na barriga, aquela felicidade a cada olhar mais demorado.

Tudo muito romântico até que, inesperadamente, acabou. Num belo dia, ela provavelmente cansou de me ver tremer e começou a namorar o cara mais filho da puta da classe. Assim, mesmo. Sem mais nem menos. Eu nem tinha percebido que rolava um clima entre eles. Que imbecil!

Definindo “um cara filho da puta” na minha cabeça: ele era um porque não respeitava ninguém, porque só tinha notas ruins, porque era esperto demais pro meu gosto, porque tinha roubado a minha pseudo-namorada e mais ainda porque ele não dava a mínima pra isso, nem para os meus sentimentos. Enfim, porque ele era um cara normal mesmo.

Eu invejei esse cara nesse dia e, depois de algum tempo, a inveja iria se tornar admiração. Mas isso veio depois.

Paulo Júnior era um garoto de dezesseis anos, um ano mais velho e alguns centímetros mais baixo do que eu, que usava calça jeans Levi's surrada, com um cinto de couro largo, camiseta com logotipos de carros hot rods e cabelos negros despenteados e longos à Rolling Stones. Usava também um tênis All Star velho pra caralho, branco, mas preto de tão sujo e, no melhor estilo punk, tinha uma atitude blasé de “que-se-foda-o-mundo”.

Percebi com o tempo que não era só a Júlia que estava louca pra iniciar a vida sexual com ele, mas a maioria das meninas da classe. Percebi também, processando pensamentos idiotas em meus neurônios, que o destino tratava mal quem era bonzinho demais, certinho demais, sorrisos demais, magrelo demais. Saquei também que, além de ser desse tipo “muito demais”, eu também me fodia bastante porque tinha ainda como agravante o fato de nunca me dar bem em nenhum esporte que não envolvesse bolinhas de gude².

Foi um choque para mim, concluir que eu era um otário, pois desde o tempo das fraldas eu aprendi que ser legal era, de alguma forma, ser o que eu era. E eu era o que todos queriam que eu fosse, eu achava que ser assim faria a calcinha da Júlia ficar molhada, até. Parecer responsável, respeitar os mais velhos, pentear o cabelo, vestir-se alinhado, lambar as botas dos professores arrogantes, tirar boas notas... Ninguém me avisou que isso era ser o trouxa da turma, principalmente quando se estuda numa escola pública. Um lugar onde falar o português correto é ser fresco. Onde estudar para as provas é ser um mané.

Eu, um garoto gente boa, tranquilo, um inocente-inútil adolescente, percebi já tarde que não teria a mínima chance no mundo de verdade. Ou pelo menos naquele mundo em que eu vivia, que era o que interessava.

Pensando em tudo isso, sentado na calçada da rua onde a maioria dos moleques

2 Berlindes (Nota do Editor)

daquela idade, naquele bairro, passava o dia, fiquei puto comigo. Eu estava inconformado em ter perdido a Júlia assim tão fácil, tê-la entregado tão resignadamente. Me senti um bosta. Eu estava sentindo muita raiva. Ser um bosta. Que raiva.

O sol ainda estava baixo e, para mim, anunciando que aquele dia podia ser diferente por algum motivo desconhecido. Aquela sensação inocente de “o 1º dia do resto da minha vida”.

Eu estava notando que, se eu não tomasse uma atitude quanto ao que eu era, eu teria que amargar as consequências no futuro e isso não estava me deixando confortável. Passar o resto da minha vida perdendo namoradas para os outros não dá. Estava mais do que na hora de virar a mesa.

Me enchi de coragem e decidi que eu não seria mais o Aldinho, aquele otário bonzinho. Ou, se fosse otário, ao menos o “bonzinho” teria que cair fora dos adjetivos a mim relacionados. Eu queria chorar de raiva, mas cerrei os dentes engoli seco.

Fiz uma prece em silêncio para que Deus (meus pais eram religiosos) me ajudasse na cruzada contra essa coisa toda que me deixava por baixo. Imediatamente fui ouvido.

Na forma de um amigo, outro menino da espécie dos bonzinhos, o Douglas, veio a minha oportunidade. Quando ele pegou a minha bicicleta sem pedir, tornou-se a gota que faltava para transbordar o meu copo.

Levantei furioso e, um segundo antes de alcançá-lo, tive medo do que eu seria capaz de fazer.

Segurei meu amigo assustado pelo pescoço e acertei a sua grande cabeça com meu punho fechado uma vez, duas, três, mais, até que o sangue começou a escorrer dos nós dos meus dedos e da sua boca aberta. Ao mesmo tempo que eu me sentia monstruoso, não sentia arrependimento. A adrenalina estava percorrendo todas as minhas artérias, eu não sentia nada a não ser cólera.

– Essa bike é minha, seu filho da puta! Minha! Minha! Filho da puta!

Douglas cravou as suas unhas nos meus pulsos e tentava dizer algo que não lhe saia pela garganta. Achei que ele nunca mais fosse falar, na verdade. Isso me deu medo e por um segundo afrouxei a mão. Livrando-se de mim com um movimento rápido, ele correu. Nunca mais falei com ele depois desse dia.

Por ter pego a bicicleta alheia sem pedir, ele havia catalisado a mistura. Um simples fato rotineiro se tornou a nascente do sinuoso rio que seria a minha personalidade.

Voltei para minha casa andando, guiando a BMX ao meu lado, pois me faltavam

forças para pedalar. Meu coração parecia que ia sair pela boca.

Logo no portão da frente vi minha mãe segurando meus cadernos, amarrados com um elástico.

– Aldo, menino, você vai se atrasar! O que aconteceu com a sua mão?

– Nada, não, mãe. Só cai da bicicleta.

Era dia de educação física, atividade que ocorria na parte da manhã, antes da aula, e que eu detestava com todas as minhas forças.

– Esqueci que hoje tem aquela merda de aula!

– Menino! Olha a boca!

A caminho da escola, ainda ofegante, e embasbacado com o meu próprio espetáculo de fúria contra o Douglas, mais uma vez comecei a pensar, e pela primeira vez, friamente, aplicando um método quase matemático ao raciocínio.

– Acesso de fúria resultaria sempre em respeito? Ao menos deve assustar, porque, do contrário, Douglas, que era um tanto maior e um tanto mais velho, não teria corrido pra dentro de sua casa, apavorado. Será que é preciso tudo isso para conseguir algo tão simples quanto o respeito?

Eu não tinha sentido tanto prazer naquilo e pensei que aquela atitude talvez não desse resultados sexuais positivos e imediatos, o que era o meu principal objetivo. Amigos em troca de garotas talvez não fosse uma boa barganha. Douglas não merecia aquela atitude porca, mas estava feito.

– Se Júlia ao menos tivesse presenciado a cena, talvez eu tivesse ganhado alguns pontos. Talvez. – Pensei.

Comecei a procurar, nas lacunas da minha depressão pós-porrada, algo que completasse aquela violência gratuita, algo mais eficiente para mostrar minha rebeldia para a escola, minha insatisfação para os meus pais, meu pinto para alguma garota.

Chegando na entrada da escola vi Júlia conversando com umas amigas e, diferente do que eu costumava fazer, passei direto sem dizer oi. Eu a culpava sinceramente pela boca ensanguentada do Douglas.

Infelizmente, era dia de futebol e o professor, como sempre, pedia pra dois garotos escolherem o time, selecionando alternadamente um aluno por vez. Isso implicava num ranking cruel: quanto mais tarde você era escolhido, pior você jogava na opinião dos colegas e isso ficava claro para a escola inteira. Um método bem eficiente para destruir a auto-estima de um adolescente. Eu, claro, era sempre o último a ser escolhido, sem variações. Mas eu nunca culpei os alunos por isso, apesar da humilhação, pois eu realmente era um desastre com a bola nos pés.

Agora, o professor, por sua vez, devia ser uma besta humana para não perceber o que isso poderia significar socialmente e psicologicamente.

Dessa vez eu disse que não iria jogar e disse que o motivo era nenhum, apesar disso me custar um ponto negativo na minha nota mensal. Ignorando o falatório e a resistência do professor em me liberar, sai caminhando e me fazendo de surdo. Foi uma delícia ignorar uma autoridade.

Estava um clima animado no pátio da escola. Era uma sexta-feira. As garotas falavam em grupos nos cantos sobre os meninos que estavam jogando futebol. Me sentei na escadaria de concreto que ligava o prédio ao pátio externo. Minha mente ainda estava estranha. Eu tinha a incrível habilidade de passar horas sem pensar em nada, mas não um pensar em nada meditando: um pensar em nada vazio. E era o que eu estava tentando fazer quando vi Júnior subindo a escadaria. Ele havia sido expulso do jogo e, depois de um tempo, eu fiquei sabendo o motivo: alguns garotos, depois que eu sai de perto, fizeram um comentário idiota sobre eu e a Júlia. Não sei exatamente qual, mas foi o suficiente para ele quase quebrar a perna de um deles no primeiro lance do jogo.

Júnior nunca havia falado nada que prestasse comigo, mas nesse dia as coisas estavam estranhas e podia acontecer qualquer coisa. Ao vê-lo subindo em minha direção, gelei. Só podia ser encrenca.

A cabeça do bad boy estava eclipsando o sol, que estava laranja. Como um anjo mau com auréola de raios solares projetando sua sombra sobre mim, ele abriu a sua mochila e, numa atitude de caridade com o coitado que não joga futebol, esticou a mão oferecendo um disco de vinil em cuja capa estava a foto de uma mesa de escola primária esverdeada, meio amarelada, rabiscada e velha.

– Que porra é essa? – Pensei.

– Moleque, ouve isso bem alto. Acho que, se você não for uma florzinha, você pode gostar. Cuidado pra não riscar. Te mato.

– Isso pode ser uma piada para me desmoralizar – pensei. – Preciso dizer algo inteligente.

– Tá, valeu. Mas por que tá fazendo isso?

– Quer ou não quer?

– Quero, beleza.

– Então não embaça, pega essa merda logo, pô.

Aquilo estava acontecendo porque ele queria dar um jeito no seu sentimento de

culpa. Eu sabia e ele sabia disso. Acho que até ele tinha visto que eu estava abalado por causa da Júlia. E eu, em vez de meter a mão na cara dele, aceitei o presente de grego. Um coitado recebendo um agrado do manda-chuva. Putaquemepariu, como sou lerdo. Um segundo depois me arrependi, mas era tarde demais.

Já era quase hora de iniciarmos as aulas de classe. Aproveitei para chegar antes de todos na sala e, sentado no mesmo lugar de sempre, fiquei admirando aquele álbum de capa dupla por um bom tempo. Li interessado as letras em inglês que eu não entendia, imaginei os shows onde foram tiradas as fotos, descobri os detalhes da arte. O rótulo do vinil tinha um logotipo conhecido, eu já o tinha visto na TV, no desenho do Pernalonga. Warner Bros. Aquilo me interessou muito. Fiquei absurdamente curioso para saber que som sairia daquele vinil estranhamente lindo. O que uma empresa, que fazia o Pernalonga, poderia colocar num disco de rock?

Até então, meus únicos vinis eram os de histórias infantis abandonados há muito tempo.

No início do intervalo da aula de português, que parecia ter durado uma eternidade, peguei meus cadernos e sai sem falar com ninguém. Eu não podia esperar mais para escutar o que continha naquele objeto do outro mundo.

O caminho da escola para casa nunca tinha sido tão longo, eu contava cada passo, minha cabeça parecia estar a quilômetros de distância dos meus pés.

De novo eu sentia que algo importante aconteceria. Como se a caixa de Pandora estivesse por ser aberta e eu seria o culpado. Eu estava adorando ser o culpado, para variar.

Comecei a correr.

Abrindo a porta rapidamente, atravessei a sala sem responder o “olá” da minha mãe e arremessei meus cadernos na cama do meu quarto, que ela mantinha impecável. Montei rapidamente o som portátil Crown no qual meu pai ouvia Ray Coniff e eu, quando criança, meus vinis compactos coloridos. Era um estéreo daqueles que se transformam em uma maleta.

Fechei a porta e coloquei os fones de ouvido. A bolacha começou a rodar, aumentei o volume no talo e, introduzido pelo chiado mais delicioso do mundo, fui apresentado ao rock’n’roll pelo performer, vocalista e maluco Alice Cooper.

Aquela voz, aquele som, aquilo tudo era o próprio coisa-ruim abrindo as portas do inferno. Um inferno celestial.

“Well, we got no choice

All the girls and boys

Makin' all that noise

'Cause they found new toy...

...School's out for ever".

Aquilo soava incrivelmente rebelde, nervoso, mau, alinhado com meu momento pós Vila Sésamo e, mesmo antes de entender a letra, que algum tempo depois pedi para a professora de inglês traduzir, aqueles acordes poderosos já faziam efeito em mim, já transmitiam a mensagem. Eu estava me sentindo instantaneamente catapultado a uma casta superior de ser humano. A casta dos que sabiam que aquilo existia e que aquilo podia trazer, em matéria de sensações transcendentais, religiosas, psicológicas e sexuais, o nirvana.

Meu cérebro derreteu de prazer enquanto eu gritava por dentro, mudo, com minha boca cheia de dentes.

– Ducaralho, ducaralho, ducaralho!

Fiquei ali, deitado, atravessando repetidamente aquele portal para outra dimensão, quando, como um raio, veio na minha cabeça uma lembrança: por ajuda do destino, incrivelmente, minha mãe tinha sido presenteada com uma guitarra há alguns anos.

Na época eu não dei muita importância ao instrumento, mas agora eu sabia que aquilo era o Santo Graal e estava ao alcance das minhas mãos.

Eu não tinha uma mãe guitarrista, não. Foi ironia do destino mesmo. Ela queria apenas tocar músicas religiosas na igreja. A igreja era grande, o violão não era amplificado, era aniversário dela, meu pai viu um anúncio no jornal e... minha mãe nunca chegou a ligar essa guitarra, na verdade.

Era uma porcaria de guitarra, sim, mas eu nem sabia disso e ela tinha sido adquirida com um amplificador. Era tudo que eu precisava. Tudo que eu queria, agora, era isso.

Procurei em baixo da cama dos meus pais, onde talvez eu encontrasse o objeto desejado. Tateei no escuro e encontrei uma alça que puxei, trazendo à luz um "case" preto, curvilíneo. Abri desesperadamente rápido aquele estojo e, como se eu estivesse esperando a vida toda por aquele momento, empunhei o instrumento e me senti um super-herói.

Era uma linda guitarra ruim. Seu formato, como fui saber mais tarde, lembrava uma "Fender Mustang". Um corpo feminino, de onde se projetava um pescoço muito longo. Era sensual, colorida com uma tradicional cor "sunburst". Ajustava-se perfeitamente ao meu corpo e às minhas pretensões.

A sensação de segurar aquele instrumento foi quase sexo, pelo menos para

alguém tão virgem quanto uma criança.

Júnior e dona Carmem tinham-se unido, sem saber, para me induzir a ser um guitarrista. Talvez a coisa mais constante da minha vida.

Capítulo 3

– Como vai ser meu dia hoje? Chapado.

Fumei um baseado para acordar. Tomei um banho demorado mandando a consciência ecológica pras picas. Fiz a barba embaixo do chuveiro sem culpa e coloquei a roupa básica de trabalho. Jeans, tênis e uma camiseta preta com um carrão hot-hod estampado nas costas.

Peguei uma das minhas guitarras, a Gibson presenteada pelo meu pai na adolescência, e toquei diversas vezes uma composição minha feita no dia anterior, até perceber que eu estava muito atrasado. Era uma sexta-feira e a quantidade de trabalho que me esperava no escritório não era modesta. Larguei tudo apressadamente e saí. Ainda bem que minhas malas já estavam prontas. Eu estava ansioso para que o fim do dia chegasse e eu pudesse pegar a estrada para Paraty. Um luxo que às vezes eu me permitia.

Meu carro de verdade não era como o estampado na minha camiseta, mas também era “cool”. Um Maverick V8 preto, antigo mais bem cuidado. Precisava de uma revisão urgente, eu admito, mas, ainda assim, conservava aquele ar “rock’n’roll seventies” nas veias.

Acelerei fundo até encontrar o primeiro engarrafamento do dia a duzentos metros da porta da minha garagem, que durou até chegar na garagem do escritório, quase uma hora depois.

Como eu estava muito atrasado, eu sabia que o elevador demoraria uma eternidade, isso acontecia sempre. Mesmo assim não pensei seriamente em subir os quatro lances da escadaria.

Valeu a pena esperar. Assim que as portas se abriram, eu notei, à entrada do edifício, uma loira deslumbrante e peituda, apressada. Segurei a porta enquanto ela entrava ao som do tradicional piiiiiiiiiiii.

Uma vez aconteceu uma coisa excitante comigo no elevador e, desde então, pas-

sar alguns minutos fechado num deles com uma beldade tornou-se inspirador. E inspiração eu nunca rejeito. Deixei a porta abrir no meu andar, mas não desci. Acompanhei a minha musa instantânea até o décimo terceiro, disse bom-dia e, então, eu estava pronto para descer até o andar certo e encarar a recepcionista feiosa da agência.

– Diiiiia.

– Oi, Aldo! A Júlia deixou recado. Perguntou se o texto do site dela está pronto e pediu pra você ligar pra ela urgente.

– Tá.

Fui direto para a frente do computador verificar a agenda. Estava lotada:

1.Flyer promocional da clínica de estética íntima Premiére;

2.Anúncio para o canil de pugs;

3.Kit patrocínio do espetáculo “A vida sem rumo”

4.Site “de mentira” da Júlia.

Redator publicitário é uma profissão sem glamour. Sentar a bunda e despejar mentiras, basicamente. A página do Word estava à espera de atraentes palavras para consumistas ávidos por serem enganados. O dinheiro e a mentira sempre estavam presentes naquele tipo de trabalho. O humor só vinha no contracheque e como bônus, em pensamento. Nunca em letras impressas:

“Sua xoxota parece a cara de um Pug? Por isso sua vida está sem rumo. Venha para a nossa clínica e deixe-a como a da Júlia - um espetáculo!”

Incrivelmente eu tinha topado com a Júlia, por acaso, depois de quase 15 anos sem contato, em uma reunião de briefing para um site de e-commerce de móveis modernos que ela queria fazer. Ela havia se tornado uma designer de sucesso nas rodas dos endinheirados colunáveis, mas ainda tinha um sonho: “Levar beleza e conforto para o povo”.

Acho que todo designer metido tem de dizer isso. Balela da grossa. O item mais barato era um cinzeiro que custava o preço do meu violão folk. Conforto por conforto, eu posso bater as cinzas no buraco do meu instrumento, porra.

Ela sempre foi uma garota de frases feitas. Isso não depõe contra ela, existem ótimas idéias enlatadas.

Provavelmente esse reencontro e o convívio inevitável por causa do trabalho foi o gatilho que disparou meu saudosismo.

Claro, foi isso. Agora cala a boca e escreve.

Eu tinha orgulho da rapidez com que eu fazia aparecer frases na tela, mesmo que elas nem sempre, ou quase nunca, fossem geniais. “Estética Première - A primeira vez não precisa ser única...” Comecei a espancar o teclado sem parar, por horas, até a vontade de fumar tomar conta de todos meus pensamentos.

Fui até o hall dos elevadores, a jaulinha dos coitados fumantes de merda, satisfazer a vontade fisiológica cancerígena.

Maldita hora que resolvi começar a fumar. Que burrada. A grande maioria dos cigarros que um fumante manda pra cabeça são apenas para aplacar a vontade de nicotina, um lance quase sem prazer. Mas às vezes o cigarro é uma ilha de prazer que faz valer a pena o risco. Esse que eu fumei foi um.

Olhando pela janela, vi, além do telhado no qual eu jogava as minhas bitucas, um cachorro sendo guiado por um mendigo barbudo. De longe, a cena era quase poética.

O que um cão não faria para ter um lar? O que um homem não dividiria para ter companhia?

Voltei para a mesa pensando naquilo. Minha vida estava mais ou menos como a dele, só que sem o cachorro. Eu vivia pedindo esmolas para as pessoas que me contratavam para escrever e, no momento, companhia era uma coisa que não fazia parte da minha rotina. Talvez fosse legal eu arrumar um cachorro, ou uma namorada.

Escreve, caralho!

Cara devidamente enfiada no monitor novamente, dedos a postos. O ramal tocou. Olhei para o telefone como se tivesse estranhado o toque. Apesar de ser um pensamento um tanto esotérico, senti que a notícia não seria boa. Lembrei do telefone tocando de manhã em casa e, de novo, não atendi. A luz da caixa postal começou a piscar.

Espancamento de teclado a todo vapor, idéias fluindo nos gases tóxicos do cigarro recém-fumado, voltei a escrever textos vendidos. Uma beleza. Rendeu mais uma hora de trabalho, textos vazios e de luzinha de caixa postal piscando, pedindo que o recado fosse ouvido, suplicando para que aquela agonia terminasse.

Apertei o botão.

– You have one new message. Beep.

– Aldo, é a Júlia, cadê você? Cheguei em São Paulo. Queria saber se você pode me pegar no aeroporto. Me liga? Beep.

Eu não podia acreditar naquilo... pegar no aeroporto?

REPEAT

– Aldo, é a Júlia, cadê você? Cheguei em São Paulo. Queria saber se você pode me pegar no aeroporto. Me liga? Beep.

REPEAT

– Aldo, é a Júlia, cadê...

Aqueles olhares trocados na última reunião sobre o site de mentira queriam dizer algo, afinal? Ou era só ansiedade dela para começar logo a vender aqueles cinzeiros assinados de merda? O que ela queria?

– O que essa viada tava querendo? Me encher o saco? – Pensei, já fantasiando absurdos sexuais, enquanto procurava o número do celular dela na agenda do computador.

Olhei para o meu telefone e perguntei (para o telefone) o que ele iria aprontar comigo. Como ele não respondeu, eu tive de descobrir sozinho. Apertei as devidas teclas como se fossem a senha de um cofre dentro do qual eu encontraria o que o destino guardou para mim há muito tempo, pensando no dia de hoje.

– Alô.

– Oi, Júlia, você me deixou um re...

– Então, você vem me pegar aqui em Congonhas? Acabei de pegar as minhas malas.

– Olha, tô cheio de trabalho, não sei se dá. Podemos marcar uma reunião mais tarde... – Disse, querendo ir andando até ela de tanta ansiedade.

– Aldo, vem me pegar.

– Tá. Me espera no saguão principal.

Não era nada normal a Júlia me fazer um pedido daqueles. Mas fosse o que fosse, eu não podia desperdiçar a oportunidade de estar a sós com ela, tomar um café, falar sobre assuntos não profissionais. Ficar com ela, enfim.

O Maverick não era muito confiável, considerando a sua idade, e esse era um momento crítico. A Lei de Murphy era uma variável importante e sempre tinha que ser

considerada na minha vida.

– Ô carro filho da puta!! Pega, desgraçado!

Desisti. Bati a porta com tanta força que amassou mais um pouco a lataria e corri para fora pela porta da garagem e, sentindo-me como um moleque, fumei um cigarro inteiro enquanto, tossindo, eu esperava passar um táxi.

– Puta, já era hora!

– Pra onde?

– Aeroporto de Congonhas.

– Tá atrasado pra pegar um vôo? De sexta-feira o trânsito é ruim, você deve saber, né?

– É, mas foda-se. Tô atrasado uns 15 anos pra pegar esse avião mesmo.

– Heheheheh... você esqueceu de acender o cigarro ou tá tentando parar? Tá apagado na sua boca.

– Esqueci. Tem isqueiro?

A fumaça desceu quadrada de novo, enquanto a minha cabeça era apenas um branco, não um branco vazio, mas uma superpopulação de pensamentos caóticos sobrepostos que resultavam em conclusão alguma totalmente branca.

– Normalmente não deixo fumar no meu carro, mas no seu caso, seria muito cruel, heheheh.

– Seria. Vou encontrar uma garota que eu nunca encostei a mão, uma longa história, e não sei o que vou dizer pra ela. Me ligou do nada e pediu pra eu pegá-la no aeroporto, pode? Porque estou te contando isso? Deixa pra lá. Que bosta, estou nervoso.

– Leva ela pro motel, cara.

– ã?

– Doutor, já fui em motel até a pé. Quando a coisa bate, não tem jeito.

– Faz um favor?

– Ôpa, pode pedir.

– Coloca esse CD pra rolar ai no som do carro e me deixa pensar um pouco? Tô meio tenso.

– O senhor é quem manda.

– Desculpe. O humor tá bom, mas a cabeça tá cheia.

Era um CD que eu mantinha sempre à mão. Queria escutar “Torn in my pride”, do Black Crowes. A capa do CD “Amorica” é uma foto de uma garota bronzeada, linda, coberta apenas por um biquini mínimo estampado com a bandeira dos Estados

Unidos.

Ouvindo aquele som maravilhoso, uma sensação “se nada tenho, nada tenho a perder” tomou conta da minha ansiedade. Relaxei.

– Fico aqui, no desembarque internacional. Me espera, beleza?

– Você que manda, doutor. Tô curioso mesmo pra ver sua garota ahahahah.

– É o que me faltava. Motorista piadista. – Pensei.

Antes de entrar, parei na porta e tentei fazer tudo devagar, para não parecer um cãozinho abanando o rabo e finalmente atravessei a linha que me separava do meu futuro.

– Aldo, aqui!

– Oi, Júlia.

Ela estava parecendo uma pintura hiper-realista, mas minha adrenalina me fazia enxergá-la com a miopia de Monet.

Pensei em perguntar o porquê de tudo aquilo, o que ela queria, se esperava algo de mim, se tinha acontecido algum imprevisto, se ela era só folgada mesmo, mas fiquei quieto.

Júlia começou a explicar o que estava sentindo, a saudade que bateu do Brasil, de São Paulo, de mim, apesar de ter estado fora apenas uma semana. Falava como uma matraca.

Percebi que ela realmente queria me ver, eu notava no seu sorriso e no seu olhar, além do constrangimento, felicidade por estar comigo.

Paramos um de frente para o outro e me curvei para pegar as malas, quando parei e olhei dentro olhos negros dela, depois para sua boca e a beijei. Era como se ela sempre tivesse sido a minha namorada, exceto pelo sabor da sua saliva, delicioso, que eu não conhecia. Ela correspondeu timidamente, porém positivamente. Seu coração batia violento e suas mãos tremiam um pouco. Eu ainda me sentia estranhamente sereno.

Segurei a sua cabeça entre as minhas mãos e, ainda olhando a sua boca, disse:

– Queria que meu Maverick visse isso. Mas estou de táxi. Vamos?

Júlia abriu um sorriso e, fazendo da minha piada idiota uma frase perfeita, riu e respondeu:

– Ele vê outro dia. Vamos, estou exausta.

Estar no aeroporto era uma coisa totalmente improvável para aquele dia. Estar com o meu braço ao redor da cintura de Júlia enquanto caminhávamos era fora da realidade.

- Podemos ir, motorista.
- Certo. Pra onde?
- De volta pro mesmo lugar, preciso falar sério com o meu carro. Vou viajar hoje.
- Disse, olhando para Júlia, como que pedindo para ela ir comigo, mas ela não disse nada e sorriu.

Eu estava com a sensação de que, se eu titubeasse, deixaria a Júlia escapar de novo, e desta vez para sempre. Eu não poderia viver com aquele beijo apenas nas minhas lembranças. Tudo que eu precisava para mudar minha vida era uma namorada, e se ela fosse a Júlia, eu seria um homem feliz.

Já no meu carro, inexplicavelmente funcionando perfeitamente, resolvi partir para o ataque e tentar a sorte:

– Júlia, sei que pode parecer uma loucura, mas eu vou pra Paraty hoje. Eu adoraria se você fosse comigo.

– Aldo, você continua pirado, né? Acabei de chegar da Europa, a gente se beija e você já quer me levar pra cama. Ahahah. Menos, vai.

– O.k., mas a louca é você. Hoje é sexta-feira e, se você me chamou pra te encontrar aqui não foi à toa, imagino que não seja pra falarmos do seu site.

– Não. Eu queria ver você mesmo. Senti a sua falta nessa semana em Milão. Você iria adorar lá.

– O que eu iria adorar é estar com você. Esperei 15 anos pra te dar um beijo, não me faça esperar mais quinze por outro. A gente merece uma chance, você sabe disso. Não vamos deixar esse momento escapar.

Ela ficou em silêncio por uns quinze minutos que pareceram três horas e falou, rindo:

– Ahahahah. Quer saber, você tem razão. Eu vou. Foda-se. Tô cansada de fazer tudo certinho. Ninguém sabe que eu voltei hoje mesmo. Só que vamos passar antes no meu apartamento pra eu trocar as malas e tomar uma ducha, tá?

– Tá, as minhas malas já estão no carro desde ontem.

Apesar de ser designer ela não tinha um bom gosto para decoração de interiores. Era tudo tão geométrico, arrumadinho e branco naquele apartamento, que a impressão que dava era a de que eu estava numa câmara frigorífica para morar. Aconchego zero. Pensei que ali só poderia ser um lugar onde viveria uma pessoa infeliz. Sem cor, sem vida.

– Vamos?

Ela estava usando uma mini-saia preta e uma camiseta sem manga, também preta.

Esta roupa, mais os fios de cabelo molhados que grudavam no seu rosto a cada movimento escreviam a frase “quero trepar” na sua testa. Ou melhor, escreviam a frase “quero te comer” na minha testa.

Eu mal podia me concentrar no volante com a mão dela descansando sobre a minha perna enquanto cochilava.

O sol estava a pino e o calor só era amenizado pelo vento fresco que entrava pelas janelas. Meu Maverick V8 tinha “ar rock’n’roll”, mas não tinha ar-condicionado.

Eu quase perdi a direção porque estava aproveitando aquele momento vulnerável para mapear detalhadamente os contornos dos peitos dela e, evitando uma colisão iminente, parei o carro no acostamento de qualquer jeito perto de um trailer de pastel.

– Que foi? – Disse, abrindo os olhos assustada.

– Vamos comer alguma coisa?

– Boa idéia, estou morrendo de fome.

– Legal.

– Ih, pastel? Adeus dieta!

– Dieta? Você está perfeita!

– Não acho, mas mesmo que estivesse eu não poderia sair da linha.

– Por que, por mais bonita que uma mulher esteja, ela sempre está fazendo dieta? Parece que vocês todas se olham sempre num espelho que distorce a imagem. Se tem cabelo curto inveja o comprido, se tem cabelo liso queria cacheado, se é loira quer ser morena...

– Ei! Não é assim também. Já pensei sobre isso, sabia? Na minha opinião acho que as mulheres desejam mudança e segurança, duas coisas muitas vezes incompatíveis. Uma cor nova no cabelo ou um corpo bem cuidado, por exemplo, pode trazer um pouco dos dois, mesmo que num grau menor de importância.

– Foi nisso que você pensou quando me ligou?

Pra mim a resposta dela significaria algo profundo. Eu poderia traduzir essa pergunta para: “Ligou pra mim porque precisava de mudança, porque quando você buscar segurança a coisa vai degringolar?” Eu me sentia inferior frente àquela garota que estava habituada ao sucesso. Eu não dava segurança nem pra mim mesmo.

– Pensei no que?

– Mudança. – Fiquei com medo de pronunciar “segurança” e ela rir ou me achar idiota.

– Pode ser. Acho que sim.

– Alguma decepção amorosa recente?

– Não...

Aquele “não” foi muito mais “sim” do que seria um “sim”.

– Não diria decepção. Talvez dúvida. Mas vamos mudar de assunto? Não tenho nada muito importante pra dizer a respeito.

– De queijo ou de carne?

– Queijo. Eu não como carne há muito tempo.

– Amigo, manda um de carne e um de queijo pra gente?

Segurei-a pela cintura e a beijei. Desta vez demoradamente, aproveitando cada segundo.

– Olha o pastel saindo!

– Opa, valeu.

– Porque você não come carne?

– Nada a ver com dieta ou com saúde. Tenho dó do bicho.

– Também tenho.

Enquanto comia aquele pastel oleoso duro de engolir e imaginando o boi no abatedouro, eu notava o esforço da Júlia para não deixar um fio queijo derretido sair do controle. Aqueles momentos eram impagáveis. Finalmente eu e ela. Eu me sentia vivo de novo.

Chegando em Parati sugeri pararmos em frente ao mar antes de irmos pra pousada.

Parei o carro embaixo de uma árvore. O sol se pondo fazia um tapete dourado na água. Parecia perfeito demais para ser verdade. Falamos pouco, nos beijamos muito.

A pousada era simples, porém muito aconchegante. Basicamente uma piscina rodeada de árvores e de mini-sobrados amarelos bebê com varanda.

Fomos logo para a nossa suíte no sobrado três. Diferente do que eu esperava, quando me vi no quarto sozinho com ela, eu estava tímido, meio sem assunto. Nada à vontade com a situação.

Fiquei tentando encontrar algo legal para dizer, um assunto interessante, alguma coisa que fizesse ela me achar inteligente. Não consegui. Achei que o melhor jeito de acabar com aquele clima seria agir sem pressa e deixar rolar.

– Tirei as roupas da minha mala enquanto ela deitou na cama de madeira escura e ligou a TV 15 polegadas presa à parede por um suporte de metal.

Tudo aquilo era muito conto-de-fadas. De repente senti que talvez eu estivesse sendo inocente demais. Aquilo começou a me incomodar.

– O que tudo isso significa pra você, Júlia? Você imaginou que um dia tudo isso pudesse acontecer?

– Ah, Aldo. Você sabe. As pessoas sempre fantasiam aventuras com pessoas que conheceram na adolescência. E nossa história foi incompleta, né? Ficou uma curiosidade.

– Mas o destino fazer a gente se reencontrar não é muita ironia?

– Claro. Seria. Mas você ainda acha que foi coincidência?

– Ah! Não me diga que foi planejado.

– Até certo ponto não, mas depois sim. Eu encontrei o Júnior por acaso num bar na Vila Olímpia. Perguntei pra ele de você e ele me deu o telefone da agência. Eu estava precisando de um site mesmo. Juntei o útil ao agradável. Eu nunca tinha feito coisa parecida. Fiquei surpresa comigo mesmo por levar essa idéia a cabo.

Me deitei sobre ela e comecei a beijar suas pernas, a parte interna das suas coxas. Ela riu. Beije seus pés, que estavam suados. Ela riu. Eram risadas de cócegas mesmo, o rumo daquilo não estava me levando ao que eu queria. Eu estava forçando. Quem sabe mais tarde...

– Vou tomar um banho.

– Vai, vou descansar um pouco. A diferença de fuso horário e a viagem me deixaram um caco.

Tomando banho pensei sobre mim. Eu era péssimo em “aprouch” mesmo. Tinha medo de que tudo aquilo podia dar em nada por minha culpa. Por falta de competência. Imaginei ela indo embora pensando que tudo foi um erro. Que não tínhamos química.

Olhei pro meu pinto e ele estava morto-da-silva. Parecia que estava me dizendo: – Hoje, pode esquecer.

Entre em pânico, pensei em ir até a farmácia comprar um Viagra. Sim, era isso! Farmácia urgente! Eu digo que vou comprar filtro solar.

– Jú! Vou até a farm... Jú?

Ela estava dormindo profundamente.

Cheguei perto. Tirei as suas sandálias bem devagar, desabotoei sua saia, tirei a presilha que prendia seus longos cabelos negros. Desliguei a TV, beijei a sua barriga, deitei ao seu lado e fiquei sentindo a sua respiração, o seu cheiro e o seu calor até me embriagar. Peguei o livro “Pergunte ao Pó” de John Fante que eu tinha deixado na mala e fui ler na varanda, deitado numa rede, onde, depois de aproveitar cada segundo daquela sensação maravilhosa, adormeci.

Capítulo 4

– E aí, meu, escutou o som? Você nunca comentou e nem devolveu meu disco.
Que rola?

– Escutei. Bem legal...

– Bem legal? Tá louco? Aquilo é rock'n'roll, não é bem legal, é ducaralho.

– Foi o que eu quis dizer, Júnior.

– Então diga, porra! Você parece uma menina falando.

– Vai tomar no cu. Ducaralho, foda, pirei. Puta som do inferno!

– Mmmm... melhorou.

– Eu tenho uma guitarra.

– Quê? Fala mais alto, meu.

– Eu tenho uma guitarra!

– Tá falando sério? – perguntou Júnior, como se eu estivesse dizendo algo mágico.

– Era da minha mãe, mas peguei pra mim.

– Da sua mãe? Ahahahah, que engraçado! Você sabe tocar?

– Nas últimas semanas eu aprendi uns acordes... até aprendi um riff do Alice.

Silêncio

– Você sabe tocar um riff do Alice?

– Sei. – Disse. – Quem manda aqui agora? – Pensei.

– Beleza, então você vai me mostrar isso hoje. Beleza?

Nesse momento pensei em mandar o Júnior tomar no cu, mas concluí que seria uma boa e rara oportunidade de estar por cima.

– Tá, depois da aula a gente vai até em casa que eu mostro.

– Ahahahah... não tô acreditando. Tomara que não seja uma bobeira sua.

– Não é.

Voltei para a minha carteira, que não era no fundão, ao contrário da do Júnior, e

fiquei sentado ali, olhando para a professora de matemática, que tinha uma cara de pardal superdesenvolvido. Ela estava falando algo sobre equações de segundo grau, mas minha mente estava no riff de guitarra, no Alice, no Júnior. Na vontade que eu tinha de mostrar praquele ladrão de namorada filho da puta de cabelo enebado que eu sabia fazer algo melhor que ele.

– Essas equações são mais complexas porque a variável... – Piava a professora.

Olhei ligeiramente para meu lado direito onde eu sabia que encontraria Júlia. Ela estava olhando para mim.

Júlia era do tipo certinha, roupas arrumadinhas, cheirosa, boas notas, o orgulho da classe. Além disso, também era uma garota um pouco fechada, misteriosa. Parecia que escondia alguns dos seus sentimentos. Sentimentos esses que eu podia apostar que nada tinham a ver comigo e menos ainda com Júnior. Não sei explicar exatamente por que eu achava isso, mas tem coisas que a gente sente e não duvida. Aprendi com o tempo a acreditar nos meus instintos. É uma coisa lógica, científica. Se um cachorro tem o poder de prever que seu dono está voltando para casa quando ele ainda está a quilômetros de distância, não me chocaria descobrir que os humanos têm, mesmo que com menos sensibilidade, esse mesmo poder estranho. Ou posso estar sendo uma besta também concluindo isso, mas o fato é que naquele mato, sim, tinha coelho.

Aqueles olhos negros pregados em mim daquela maneira era uma coisa rara depois que o filho da puta enebado começou a namorá-la. Eu derreti como uma vela acesa, mas não sorri. Ela era a número dois da minha lista de “personas non gratas”, a culpada por eu ter perdido um amigo querido, e por isso não merecia sorrisos.

– Aquela putinha. – pensei.

A aula foi bruscamente encerrada sob o som do alarme uivando nos corredores. Dei um pulo da cadeira. Era o toque que avisava o fim da última aula.

Pensando no compromisso que eu teria de honrar, comecei a guardar meus cadernos demoradamente. Queria ser o último a sair.

– Oi!

Outro susto. Aquela voz tinha o poder de me atrair instantaneamente.

– Oi, Júlia. – respondi, simulando descaso. – O Júnior já saiu.

– Eu sei, queria falar com você. Você anda meio estranho.

– Estranho? Por quê?

Você não fala mais comigo... é por causa do Júnior? Fiquei pensando... ele te proibiu? Eu não admitiria que...

Quem era aquela vagabunda?! Achava que alguém podia me proibir? E, ainda mais, achava que para eu não falar mais com ela tinha que ser por um motivo alheio à minha vontade?

– Não, ele até vai lá em casa hoje. Não se preocupe, está tudo bem. Tô tranquilo.

– Quê?! Vai na sua casa? Fazer o quê?

– Júlia, estou meio atrasado, você pode perguntar pra ele depois.

– Pôxa, me conta...

– Ele te explica depois. Afinal, ele é o seu namorado e não eu. Ele te deve explicação e não eu. Ele te come, e não eu.

Aquele momento era ímpar, eu me senti o máximo por ter dito aquilo, mesmo depois de vê-la sair apressadamente sem saber o que dizer, humilhada. Eu, o idiota da classe, pegando pesado. Quem diria!

Júlia saiu indignada e isso tinha me deixado orgulhoso, porque, apesar da grosseira, eu tinha toda a razão.

O meu próximo passo seria medir os resultados dessas minhas atitudes. Eu mal podia esperar. Nos últimos dias eu tinha transformado minha vida num laboratório no qual todos tinham se tornado meras cobaias. Dia após dia eu as retirava de suas gaiolas, para aplicar em seus corpos doses de agressividade, indiferença ou quaisquer atitudes que fossem importantes para amparar as minhas novas teorias sociais.

Sai da classe ansioso, mas andei bem devagar pelos corredores até a saída – pensar que eu estava fazendo Júnior esperar por mim era ótimo.

O corredor principal era um túnel sem janelas, de cujas paredes brotavam portas destruídas pelo tempo e pelos pés de vândalos aprendizes que não eram raros ali. O chão era de concreto cinza, frio na forma, na cor e na temperatura. Eu me sentia bem ali, principalmente nesse raro momento em que eu podia saborear uma inconsequência minha sem a interferência de ninguém.

Pouco antes do portão de saída, vi que Júlia, ainda chorando, conversava com a Cris. Quando passei por elas, notei que Cris olhava para mim, com um olhar de raiva. Parecia que ela queria me socar. Pelo menos isso era melhor do que a costumeira indiferença com que ela me tratava. Não imaginei que a Júlia fosse ficar tão magoada. Não era pra tanto. Bom sinal.

Júnior estava inquieto, sentado no meio-fio. Parecia que não tinha se importado com a cena da Júlia.

– E aí moleque... amarelou?

– Não. A Júlia que me atrasou mesmo.

– Ela está esquisita hoje, tá lá chorando no ombro da Cris, não quis falar comigo. Foda-se. Mulheres são complicadas demais, tá loco. O que ela queria com você?

– Nada de mais, coisas sobre equação de segundo grau.

– Ahahah, você é um cu de ferro mesmo. Vamos lá que quero ver a sua nova piada musical.

Estava frio, e o assunto era pouco. Andamos com as mãos no bolso e falamos sobre como Cris, a loira magrela da classe, estava inexplicavelmente gostosa dentro daquelas calças jeans apertadas. Como a professora pardal era chata. Como o Alice Cooper era “cool”. Como as mulheres eram difíceis de entender.

– Vou entrar na padaria um minuto. – eu disse, cortando a prosa.

– O.k., compra umas balas soft pra gente.

– Tá.

A padaria era bem perto da minha casa, todos me conheciam lá, e por isso o português estranhou o meu pedido.

– Oi, Emílio, beleza? Dá um Marlboro ai.

– Não me diga que você está fumando.

–...tô.

– Burro. Vai maço ou caixa?

–Sei lá, qualquer um... qual a diferença?

– Fuma maço e quando acabar fuma caixa. Assim você descobre, menino, porque eu não sei. Nunca fumei. O que sei é que ambos dão câncer.

Eu estava agindo totalmente por impulso. Eu nunca tinha colocado um cigarro na boca, mas a idéia me agradava. Guardei o maço no bolso e dei uma soft verde para o ensebado, já entrando em casa.

– Oi, mãe, esse é o Júnior.

– Oi, Júnior, fique à vontade. Aldo, quer que eu faça um lanche pra vocês?

– Eu quero, Dona Carmen! – respondeu Júnior.

– Vou caprichar pra você.

– Filho da puta. – pensei. – Até minha mãe quer trepar com ele?!

O carisma do Júnior era impressionante.

O meu quarto não era grande. Quatro paredes brancas com pé-direito alto, uma janela de madeira que dava para o jardim dos fundos da casa. Uma cama, um criado-mudo com o relógio do Mickey já velho em cima e um armário embutido.

Guitarra em punho, amplificador esquentando. O clima estava úmido, o relógio do Mickey estava quase parando de tensão.

– Ó. – exclamei, antes de começar a descer o braço nas cordas. – É assim.

O volume estava alto e Júnior se espantou com o que ouviu. As notas do riff de “Schools Out” estavam um pouco erradas, o tempo meio fora, mas foi eficiente.

– Ei, você sabe mesmo!

– Sei.

– Cara, mandou bem! Faz de novo aí.

– Tá.

– Olha, meu, se você fosse esperto, aprenderia a tocar uma música inteira e até, de repente, podia montar uma banda, né?

Aquilo entrou nos meus ouvidos como uma profecia. Guitarra, banda, rock, cigarro, garotas...

– Uma banda? Quem iria querer tocar comigo?

– Ah, alguém que não soubesse tocar também, sei lá. Eu gosto de cantar, sabia? Toca de novo. Vou cantar essa.

O cara, além de comer a minha garota, tinha uma voz legal. Era meio rouca e quase afinada. E ainda sabia a letra de cór. Que filhodagrandeputa.

– Vou trazer uns outros discos pra você ouvir e vou escolher umas músicas pra gente ensaiar.

– Não, Júnior, não é assim...

– Amanhã, depois da aula, beleza? O lanche tá na mesa! Tô com uma fome do caralho.

Júnior mal sentou e já abocanhou um sanduíche de queijo quente. Tinha groselha com leite também, num copo grande, que ele sorveu quase num só gole.

Observando aquela cena, vi a criança que existia por trás daquela atitude infantil. Pela primeira vez eu havia notado um ponto fraco nele, vi que ele era gente. O momento gritava por uma atitude sócio-científica. Quem sabe assim eu conseguiria foder tudo mesmo de vez...

– Olha, eu falei umas coisas pra Júlia hoje.

– ã?

– Disse pra ela largar do meu pé porque quem come ela é você e não eu. Era por isso que ela estava chorando, eu acho.

Eu estava fazendo de novo. Eu não pensava mais. Aquilo me dava tanto prazer que era incontrolável.

– Que você tá falando, ô moleque? Tá louco? – disse com a boca cheia de pão e queijo derretido.

– É isso. Se você quiser brigar comigo, foda-se, mas foi isso que eu disse mesmo. E é a verdade, é o que eu penso. Se ela escolheu você pra trepar, porque eu é que tenho de ouvir as ladainhas? Se você tem o lado bom dela, eu é que não vou ficar com o lado ruim. Foda-se ela e o resto.

Por um segundo Júnior não sabia o que dizer. Olhou para mim incrédulo e, por um momento, acho que pensou em enfiar a mão na minha cara, mas começou a rir involuntariamente. Eu também comecei a rir. Ele gargalhava tanto que a groselha saiu pelo seu nariz.

– Cara, você é maluco mesmo! Não acredito nisso! A Júlia deve estar puta da vida com você, seu retardado. – então limpou a boca na toalha da mesa e levantou-se. – Cara, vou nessa. Valeu. Amanhã trago uns biscoitos finos do rock pra gente ouvir. Vai ser o primeiro ensaio oficial. Quanto a Júlia, vocês que se entendam. Foda-se. Tô fora de mais problema.

– Tá.

Voltei para o quarto, montei o som, coloquei o volume bem alto e escutei “Schools Out” pela milésima vez, com a guitarra pendurada. Acendi um Marlboro meio sem jeito, com uma caixa de fósforos que tinha pegado na cozinha e comecei a tirar os acordes que faltavam, enquanto tossia.

Júnior provavelmente pensou que eu talvez não fosse mais tão idiota. Ou, que, se fosse, teria que deixar de ser, pois eu seria o guitarrista da nossa banda. Ele já não me parecia tão filho da puta assim.

Capítulo 5

Era uma manhã de sábado ensolarada e eu tinha prometido para mim mesmo que começaria a correr no parque da Aclimação todas as manhãs. Isso me faria bem e me ajudaria na difícil e sempre adiada tarefa de parar de fumar.

Olhei para o lado e fitei Júlia lindamente deitada em uma posição tão plástica que parecia de mentira. Suas pálpebras cerradas ainda com a maquiagem azul e cílios negros pintados ajudavam a tornar a cena ainda mais surreal. Tudo parecia de mentira desde que começamos a namorar. Era muita sorte eu ter uma garota que desejei durante tanto tempo. Eu vivia sempre com medo de que tudo não passasse de um sonho maluco ou de que ela resolvesse, sem motivo claro pra mim, ir embora e desaparecer tão rapidamente como tinha surgido. Meu objetivo era aproveitar o máximo enquanto durasse.

Olhei o relógio do Mickey no criado-mudo que marcava 11h30, bem cedo para um dia pós-balada com amigos que beberam muito também.

A noite passada havia sido bacana.

O Épico era um bar pitoresco. Meros 40 metros quadrados com meia dúzia de sete ou oito antigos móveis de máquinas de costura transformados em mesa. Tudo iluminado apenas por luz de velas colocadas dentro de copos de geléia reaproveitados.

O palco mínimo, onde sempre se apresentava apenas um músico solitário tocando blues, ficava em um mesanino baixo no canto esquerdo, de frente para a pequena porta de entrada. O ambiente aconchegante e meio country sem frescura inspirava os frequentadores a sempre encherem a lata de Jack Daniels cowboy.

Eu, a Júlia, a Cris e o Eduardo. Conheci o Eduardo logo quando comecei a namorar a Júlia pra valer. Cris era a melhor amiga da Júlia desde a época do colégio. Eu gostava dela, ou talvez um pouco mais que isso.

Na verdade havíamos transado uma vez quando estávamos todos estudando na mesma classe, na 8ª série do ginásio. Ela era só uma loirinha magrela e esperta, mas

hoje ela é uma mulher longelínea e sexuda. Sexuda é o primeiro adjetivo que as pessoas pensam quando a vêem, apesar de não saberem o que isso significa.

Definindo “Sexuda” na minha cabeça: é um adjetivo diferente de “sensual. Quando encontro uma mulher sensual, penso em sexo; quando encontro uma sexuda, já imagino logo ela embaixo de mim gritando “mais!”.

Cris também tem outras muitas qualidades ou peculiaridades charmosas, como o seu feminismo moderno, o seu papo sempre inteligente, calculista e ácido e seu sorriso maroto.

Diziam que ela era ótima como personal stylist também. Uma personalidade bem diferente da do Eduardo, com quem ela tinha um “caso”. Um cara mais velho que ela uns 10 anos (ele devia ter uns 45 ou 46), que é ligado em futebol, bolsa de valores e coleção de selos e tem a vida feita. E detestava maconha e maconheiros.

No meio dessas lembranças, fui despertando. Já era meio-dia. Me levantei finalmente da cama e, tirando coragem do fundo de sei lá onde, coloquei um jogging, um tênis e entrei no Maverick que, para variar, não pegava, não pegava... pegou.

– Esse carro não está acostumado a acordar cedo de sábado. – Pensei.

O parque estava à minha espera, radiante. Parecia que todos olhavam para mim, parabenizando a minha atitude louvável.

Dei uns passos até a beirada do lago, sentei no gramado e acendi um cigarro.

– Quer saber? Foda-se. Caminhar é muito naturebas pra minha cabeça. Vou continuar meditando sobre ontem...

De volta à mesa animada do Épico: depois de três ou quatro Jacks por cabeça, a nossa mesa era uma das mais faladoras do bar.

– Cris, com quantos homens você já transou? – perguntou Júlia.

– Ahahahah... com quantos homens? Putz, Júlia, essa é difícil, hein... deixa eu pensar... acho que uns 10, vai.

– Dez?! – Eduardo soltou bem alto.

– Achou muito ou pouco? – provoquei.

– Não sei. Só assustei porque nunca pensei nisso. Acho que tá na média para alguém com 36, talvez.

– Acho que você não falou toda verdade. – continuei a provocação – Vamos considerar que você começou sua vida sexual com 15 anos. Então você teria 21 anos de atividade sexual hoje. Isso dá então menos de meio homem por ano, pô. Não dá pra

acreditar nisso. Ai tem algum mistério.

– Mistério nenhum. Ah, mais saí com alguns que tinham um pinto que valia por dois. Ahahahah. Esses deveriam contar mais pontos.

– Por quê? Você não gosta de pinto pequeno, Cris? – Eu sabia que dizer aquilo seria bem inconveniente, mas eu precisava dizê-lo.

– Não. Realmente não gosto. Se sentiu ofendido? – sussurrou, virando o rosto para o meu lado.

Eduardo, irritado com Cris pelo rumo da prosa, e Júlia, que também estava muito bêbada, tinham engatado uma conversa paralela que não dava para ouvir, por causa do volume da “Stormy Monday” que o bluesman mandava no palco. Mas dava pra notar que estavam se divertindo.

Júlia gostava de homens ricos e sofisticados. Estava comigo por outros motivos, claro. Eduardo não era um cara que poderíamos considerar lindo, mas fazia sucesso com as mulheres. Talvez por causa da sua altura, da grana no banco e da forma física que conseguia manter à custa de algum exercício semanal, provavelmente. Talvez, por ter notado isso que eu tenha resolvido caminhar no parque. Claro, foi por isso.

Júlia e Eduardo disseram então que iriam pegar uma porção de qualquer coisa no balcão e deixaram eu e a Cris na mesa.

– Quer saber? Eu poderia apostar que você gosta de pessoas que nem pau tem, mas falta coragem pra assumir. – Retomei o assunto.

– Quê? Por que está dizendo isso?

– Estou dizendo porque estou te provocando mesmo. Quero ver até onde essa conversa vai. Você deu a entender que não transa só com homens.

– Mala como sempre. – Disse, com um sorriso que contradizia o insulto. – O.k., tem mulheres que me excitam, sim. Não vou mentir. Estou bêbada.

– Quando você bebe não mente? Ou você está adorando me dizer isso e precisa de uma desculpa?

Eu estava cutucando a Cris porque eu achava que o jeito que ela olhava para Júlia era estranho mesmo. Alguma coisa me dizia que naquele olhar tinha algo a mais, alguma cumplicidade além da amizade. Eu me sentia um pouco ameaçado com isso. Ameaçado e excitado.

– Eu fico acesa com mulheres às vezes. Mas, sim, eu posso mentir perfeitamente quando bebo, pensando bem.

– Não minta agora. O que mais te chama a atenção numa mulher bonita?

– Que questionário. Papo estranho... a boca. Gosto de bocas com batom. Bocas

carnudas e vermelhas me hipnotizam. Bocas safadas, sabe? Normalmente elas estão num rosto feminino.

– Como a boca da Júlia, por exemplo?

– É, ela tem uma boca sensual. Não dá pra negar. Acho que ninguém negaria isso, não é mesmo?

– Acho que não. Mas, no seu caso, acho que o que rola é mais que pura admiração. Tô dizendo que parece que você deseja aquela boca de verdade, além da fantasia.

– Olha, Aldo, não abuse do meu nível alcoólico. Guarde suas paranóias no bolso hoje, please.

– Sabe, eu sempre acreditei que, para muitas pessoas, o álcool é apenas uma desculpa para que possam tirar o pó dos esqueletos guardados no armário. Não é pessoal, não, mas acho que você pode ser uma dessas.

– Você tá dizendo que a Júlia faz parte dos meus segredos.

– Quem disse isso foi você. Eu disse apenas o que disse.

– Essa conversa está esquisita. Se você está querendo me dizer algo, vá em frente.

– O.k., vou ser bem claro. Você olha para a Júlia de um jeito diferente e isso me faz pensar que vocês sentem muito mais do que amizade. Isso não me deixa com ciúme – Menti – E, para ser ainda mais franco, fico excitado. – Disse sinceramente.

– Você está tentando me seduzir ou é impressão minha? Você tá com cara de lobo mau. Ahahahah.

– Aúuuuuuuuuuu!! Ahahaha. Cris, você não me conhece bem, mas te digo que sou tranquilo quanto a brincadeiras sexuais.

– Brincadeiras? Algo contra sexo consciente, sexo planejado? Por acaso acha que qualquer coisa que saia do que a sociedade te ensinou é errado e por isso “brincadeira”?

– Não, Cris, não foi isso que eu quis dizer. É que, por um momento, lembrei de você adolescente, na classe da 8º série, olhando pras bundas das meninas.

– Ahahahah... isso tá na sua cabeça. Não inventa.

– Cris, eu sou um cara meio maluco, mas não invento cenas, sou um cara observador e isso eu não esqueci. Acho que somos maduros e por isso estou aqui te cantando enquanto o Eduardo está lá babando na minha namorada, e vice-versa. É a vida. Precisamos nos sentir desejados o tempo todo. Não é você que diz que tudo gira em torno de sexo?

- Ahahahah! Você lembra disso? É uma opinião que mantenho, por acaso.
- Isso tudo é pura pescaria esportiva.
- Pescaria o quê?!
- Pescaria esportiva. daquelas que você faz de tudo para pegar o peixe e quando consegue, em vez de comê-lo, você o solta de volta na água. A Júlia está fazendo pescaria esportiva com o Eduardo, espero. Olha lá que sedutora. Faz bem para o ego dela. Isso não me machuca, eu entendo o jogo. Só espero que ele não seja um tubarão, ahahahah.
- O Edu deve estar estourando o zíper das calças. Ahahah. Bom, voltando ao assunto, desde que eu conheci a Júlia ela me deixa excitada com aquele jeitinho indefeso dela. Falei. Satisfeito?
- Continua.
- Não tem o que continuar, Aldo. Você é doente?
- Continua... não estou chocado, se é o que você está pensando.
- Estou pensando é que você está de pau duro e isso te tirou sangue do cérebro. Aldo, sua mulher é bem mimada por mim desde que nos conhecemos, por isso somos tão amigas. Ela gosta disso. Eu a conheço muito bem. Se você não cuidar dela direito, ela vai te largar. Escreve isso.
- Ei... isso é sério, hein! Estou notando uma estocada de ciúme desferida pelo seu olhar ou...
- Você está namorando a minha melhor amiga. Nos reencontramos por causa dela depois de trocentos anos sem contato, tá sendo legal, mas eu acho você meio pirado demais para uma garota como ela. Vê se pega leve.
- Ah, minha garota tinha de ser assim, mais ou menos como você, né?
- Você não teria coragem ahahahah.
- Talvez não mesmo.
- Cuida direito dessa menina, me escuta.
- Pára, vai. Você está bêbada mesmo.
- Aldo. Tô falando demais. Não comenta com a Júlia. Eu jurei pra ela que não me meteria no relacionamento de vocês, mas sou uma bocuda mesmo.
- Você é apaixonada pela Júlia! Como não enxerguei isso antes?!
- Cala a boca. Como você é besta. Falando nisso, com licença, vou até o banheiro vomitar e retocar o batom.
- Espera...
- Cris levantou-se e não foi ao banheiro. Foi ao encontro da Júlia e do Eduardo.

Acabei ficando sozinho na mesa. Eu também estava bêbado e tive um pensamento profundo e sincero:

– Um baseado agora cairia bem.

Levantei e fui vomitar. Mas de verdade.

Parei de pensar um pouco e me vi no parque de frente pro lago, de novo. Cigarro já quase no filtro. Uma garça deu um bote rápido e pegou um peixinho, que engoliu inteiro. Me levantei e caminhei um pouco pelo parque, devagar.

Dois velhos muito velhos jogavam dama em uma das mesas de jogos que ficavam numa cobertura ao lado de uma área verde com vários eucaliptos. Senti inveja da tranqüilidade deles, mas durou pouco. Ouvi sem querer a prosa que levavam entre uma jogada e outra:

– Sabe quem eu vi ontem? O Sérgio, lembra?

– Nossa! Ele não morreu ainda, não?

– Não, mas teve um derrame que deixou ele sem falar e sem andar.

– Vixe. Deus me livre de um azar desse.

– É...

Fiquei imaginando “eu muito velho”.

– Será que é sorte ou azar viver tanto a ponto de ver seus amigos morrendo como moscas? – Pensei – Não tenho opinião formada sobre o assunto.

Fiz meia volta e resolvi ir para casa. Eu ainda tinha que repassar umas canções na guitarra, pois hoje era dia de ensaio. Além disso, Júlia estava me esperando e eu pensava se ela não estaria a fim de uma rapidinha. “Caminhar” no parque me deixou animado.

– Oi, amor, acordou?

– Mais ou menos.

– Vem aqui pertinho...

– Nem vem, Aldo, minha cabeça tá explodindo.

– Tá. Me diz uma coisa. Você seria feliz vendo seus amigos morrendo como moscas?

– Que pergunta maluca é essa?

– Vi uns velhinhos conversando no parque. Imagina você com oitenta e tralalá, sem nada pra fazer e tendo que ir em um enterro por mês, só esperando a sua vez, como um tipo de tortura disfarçada de vida.

– Ai, Aldo, que maneira de ver as coisas, putamerda. Por que você está preocupado com isso? Não vai me convencer a transar desse jeito, pode esquecer.

– Não. Não é isso. Depois eu explico. Vou fazer um café.

Liguei o som da sala e coloquei “Maggo’s Brain” do Funkadelic para rolar. Isso mudava a cara do dia.

– Aldooooo! Abaixa um pouco isso!

Como alguém em sã consciência pode fazer um pedido desse? Deve ser por atitudes assim que tem gente que fica doida. Pedi perdão em pensamento à George Clinton (líder do Funkadelic) e apertei o botão do controle remoto.

– Táaaaaaaaaa.

Capítulo 6

– Aldooooo! Abaixa um pouco isso! – Gritava minha mãe, da cozinha.

Era sábado, um sábado diferente introduzido por um som incrível: “Simple Solution”. Júnior havia chegado logo cedo com esse álbum do Nazareth, “No Mean City”, embaixo do braço. A capa era lindamente assustadora: uma ilustração de um monstro grotesco, com cara de esqueleto, empunhando duas lâminas de barbear.

Mas a navalha comia mesmo quando a agulha tocava o vinil. A voz rascante fazendo dueto com aquela guitarrreira barulhenta era incrível.

Seria nosso quinquagésimo ensaio, mas ainda éramos apenas dois e naquela época era inconcebível uma dupla de rock no palco. O “White Stripes” só surgiria décadas depois. Precisávamos dar um jeito nisso.

– E aí, meu. Acho que já temos músicas o bastante para mostrar pro Zappa e pro Lau. Que acha?

– Você é meio apressado, né, Júnior?

– Que apressado, moleque! Vamos logo botar isso pra andar. Sabemos essas músicas de trás para frente, cara. Você aprendeu tudo rapidinho pacas. Já faz quase um ano que a gente tá se preparando, tocando direto. Pára de ser retardado. Tá na hora. Precisamos falar com os caras.

Zappa e Lau eram respectivamente o baixista e o baterista de uma banda de rock do bairro, a “Expresso 68”. Eram um pouco mais velhos que eu e o Júnior e até já tinham feito alguns shows na escola. Júnior insistia que nós éramos muito melhores que o vocalista e o guitarrista deles e estava decidido a roubar aquela “cozinha”.

– Tá, mas você já pensou que eles podem não toparem? Por que eles deixariam uma banda como a deles pra tocar com dois moleques que nunca subiram no palco?

– Você é uma besta, Aldo. A gente vai detonar aqueles comportadinhos, pô. A gente tem de sobra o que falta naquela banda. Atitude. Rock’n’roll.

– Sei não... Como a gente vai fazer isso então? Qual o plano?

– Resolvo isso já.

Júnior, que sempre foi o cérebro da dupla, já estava com tudo preparado e eu, o otário, não sabia. Tirou um papelzinho com dois nomes e alguns números do bolso, tirou o telefone do gancho enquanto eu já suava frio.

– Junior, você não... – eu disse rápido, estendendo o braço numa atitude de bloqueio. Tarde demais.

– Zappa? É o Júnior, cara. Beleza? Então, você tá a fim de escutar um som novo? Tô aqui na casa do Aldo... vem pra cá. Chama o Lau também, tem unzinho pra gente fumar aqui.

Eu estava tonto. Aquilo era muito importante para acontecer assim tão rápido, tão de sopetão e ainda com drogas no pedaço. Eu pensei que rolaria uma preparação psicológica, um agendamento com antecedência, um planejamento... Mas não, foi assim:

– Cara! Você é doido? Como chama os caras aqui assim, sem pedir pra mim, e ainda pra fumar maconha?

– Calma, meu. Relaxa. Tem coisas que tem que ser assim, que nem tirar esparadrapo da ferida. Quanto mais rápido, menos sofrimento. E, quanto a fumar um, sua mãe tem que ir na igreja daqui a pouco, como sempre. A gente fica na boa aqui, sem problema.

– Putamerda... tá bom, vai. Talvez dê tudo certo se eu não tiver um derrame antes. Mas se alguém pegar a gente a culpa é sua. Não tenho nada a ver com isso. Minha mãe me mandaria pra uma clínica de drogados e ficaria chorando pelos cantos pedindo a Deus que me tirasse desse mundo do diabo. Ahahahah.

– Ahahahah... você ainda é um nenê. Tá em pânico. Vê se cresce logo, você vai ter uma banda hoje. Você vai ver o mundo do diabo. Búúúúúú!

Fui até o banheiro, lavei o rosto para me acalmar e me olhei no espelho. Tive vontade de poder sumir, como naquele videogame que tinha a tecla “hiperespaço”. Vi a figura bizarra da capa do Álbum do Nazareth refletida, que tentou meter a navalha no meu pescoço. Júnior tinha razão. Eu era apenas um menininho assustado. Fiquei com raiva da minha atitude frente ao inesperado, pois aquele medo não tinha mais nada a ver com a minha vida. Isso era coisa do Aldinho, moleque comportado. Hoje tinha que ser o meu dia, o dia do Aldo de verdade, já homem.

Em vez do “hiperespaço”, apertei o botão do “foda-se” e criei coragem para encarar os fatos de frente. Hoje seria o meu dia, sim, e eu não podia deixar meu castelinho, ainda que de areia, feito com tanta dedicação, ruir. Fui até a cozinha e constatei

que minha mãe já havia saído. O plano tinha começado bem, pelo menos.

Fui até o jardim e tirei um cigarro amassado do bolso (agora eu sabia a diferença entre maço e caixa) para me recompor. Eu sentia um vazio esquisito e um gosto de cabo de guarda-chuva na boca, coisa que me lembrava os momentos que eu tentei me aproximar da Júlia. Quando eu sentia isso, eu logo desistia. Mas não hoje. Enquanto fumava lembrei por acaso de uma cena que vi quando ainda era muito pequeno: um homem cego, em frente à faixa de pedestres esperando alguém para ajudá-lo a atravessar a rua. Mas não havia ninguém por perto e, após algum tempo, relutante, ele aventurou-se a fazê-lo sozinho, apenas escutando o som dos carros parando ao sinal vermelho. Aquilo foi muito aflitivo para mim. Imaginei eu, de olhos vendados, atravessando uma rua.

Ding dong!

– Puta susto! Murmurei depois de dar um salto que jogou meu cigarro no chão.

Abri a porta e dei de cara com aquelas duas figuras que eu nunca imaginei um dia visitando minha imaculada casa.

Zappa era bem alto e magro. Tinha esse apelido numa alusão à Frank Zappa, não pela semelhança física, que não existia, mas pelo jeito de doido e pela coleção de álbuns desse rock star que ele ostentava. Ele era um negrão de um metro e oitenta que usava um cabelo black power bem fora de moda e roupas coloridas, bem flower power anos setenta. Ele era do tipo sossegado, falava manso e tinha uma voz bem grave. Já o Lau, não. Era meio ansioso. Um gordinho de estatura média, bem branco, com cara de bolacha, cabelos loiros bem compridos e óculos redondos que deixavam seus olhos azuis enormes.

Formavam uma dupla que chamava a atenção em qualquer lugar.

– E aí, Aldo, beleza? O Júnior tá aí? Ele disse pra gente que ia rolar um som aqui hoje.

– É, ele comprou o “No Mean City”, do Nazareth.

– Legal... não conheço esse disco.

– Nem eu. – disse Lau, já entrando.

Chegando no meu quarto, Júnior já estava terminando de enrolar o baseado e, passando a língua para fechar o cigarro, levantou-se da cama onde estava sentado e cumprimentou a dupla esquisita com abraços.

– E aí, expressos? Quem acende a bucha?

– Dá aí. – disse Lau rapidamente, tirando um isqueiro do bolso da calça larga, do tipo surfista, que ele usava sempre.

Notei que o Júnior não estava fumando. Ficava apenas passando o cigarro. Ele me fez um sinal que entendi como “deixa passar”, e foi o que eu fiz.

– Quero mostrar um lance pra vocês.

– Tô ligado, Nazareth, né? – disse Lau.

– Não. – falou Júnior fazendo um sinal para que eu pegasse a guitarra. – É um som novo mesmo... fresquinho.

Liguei o amplificador num volume muito alto. Nele estavam plugados o microfone e a guitarra.

Zappa e Lau olharam meio desconfiados para a cena e, já meio malucos de erva, se acomodaram sentados no chão para ver o que aconteceria.

Foram quase trinta minutos de música atrás de música, tocadas e cantadas sem medo, entre nuvens de fumaça proibida. Só clássicos do rock.

O que me deu confiança e nos fez ir em frente após a primeira canção foram os sorrisos da miniplatéia presente. Os aplausos tímidos nos encorajavam a apresentar mais uma e mais uma.

Foi um transe pra mim. Senti pela primeira vez o que é estar num palco. Foi como se o resto do mundo desaparecesse por completo. Só existia eu e o meu instrumento fundidos num só corpo. Naquele momento eu soube que nunca mais eu deixaria aquela sensação para trás. Eu tinha contraído um vírus poderoso e incurável. Júnior parecia estar na mesma sintonia. Cantou como se fizesse isso desde que tinha nascido.

Acabamos a apresentação e eu me sentia como depois de um orgasmo poderoso, como eu já havia sentido uma vez me masturbando no banheiro, só que muito melhor.

Guardei a guitarra, desliguei o amplificador e me sentei no chão, como todos outros estavam. Júnior acendeu a ponta do baseado amassado e pela primeira vez na vida eu também fumei. A adrenalina que estava em meu sangue provavelmente cortou o efeito do THC, pois eu não senti nada diferente.

– Caras, vocês mandaram bem. – falou Zappa.

– A gente vai formar uma banda. Se não quiserem ficar de fora, agora é a hora. – respondeu Júnior, com sua pressa característica.

– Ah, é? Tá bom. Tô dentro. Quando ensaiamos? – disse Lau rapidamente.

– Ah, cara... Temos que ver o Expresso... Sei, não. Mas vou dar um jeito. – disse Zapa, levantando-se vagarosamente do chão.

A coisa toda foi rápida. No fim da conversa já tínhamos marcado ensaio para a próxima semana na casa do Lau. Eu nem imaginava o quanto eu seria amigo desses

caras.

Júnior olhou para mim com um sorriso largo no rosto. Pela primeira vez senti que éramos amigos de verdade, os melhores amigos um do outro. Pela primeira vez na vida me senti importante. O rock tinha me proporcionado isso e ninguém tiraria isso de mim nunca mais. Foi uma promessa.

Capítulo 7

Era dia do último ensaio antes de um importante show. Pelo menos, importante para mim. Eu esperava por isso há muito tempo, por isso saí mais cedo do escritório, deixando alguns textos enfadonhos pendurados. Eu poderia acabá-los na segunda-feira. Minha cabeça já estava na minha prazerosa guitarra desde que eu acordei hoje cedo, coisa rara, e avisei a Júlia que ela estava atrasada para a reunião com a Top Design, uma grande indústria de móveis que estava interessada em comprar um projeto dela. Era um projeto realmente interessante, uma estante modular inclinada que fazia os livros e CDs ficarem apertadinhos no canto sem precisar de pesos ou trilhos para mantê-los no lugar. Bem inteligente e bonito. Essa menina era um sucesso, tudo que ela tocava virava ouro, mas não hoje...

– Jú, acorda. Vai perder a hora. O despertador já tocou três vezes.

– Mmmm... Me deixxxx... – disse com a voz embotada, como se estivesse falando uma língua extraterrestre.

– Você vai perder a hora.

– Hojj nã tem nad...

– Hoje é sexta. Reunião na Top Design, lembra, ô? Levanta.

– Num tem, me de dorm...

– Quê? Cancelaram a reunião? Quando?

– Aldôooo, me deixa, vai. – disse, já irritada e despertada o suficiente para articular razoavelmente as palavras.

– Mas que porra! E você nem me disse nada?

– Aldo, me deixa dormir, vai, cacete!

– Que cumplicidade... Que carinho! É assim, então...

– Aldo, pelamordedeus, não quero discutir a relação agora. Quero dormir, por favor.

Levantei puto, não pelo fato da reunião ter sido cancelada, mas por ela não ter me contado algo que julgava tão importante. Afinal de contas já estávamos juntos há um

bom tempo. Quase um ano.

Tem horas que discutir com a Júlia não é um diálogo, são dois monólogos. Quando ela está querendo esconder algo dela mesma, sua cabecinha pira. É demais para ela assumir que algo não funcionou conforme o planejado. Talvez por isso ela seja uma pessoa tão aplicada: pelo simples motivo de não saber lidar com a decepção.

Olhei por acaso para o criado-mudo e o relógio do Mickey estava apontando nervosamente, com o ponteiro dos minutos, para uma caixa de remédio tarja-preta. Júlia estava se drogando de maneira civilizada e dentro da lei. Com receita médica. Como eu não percebi? Ela estava transtornada e eu ligado nas minhas canções, nos meus acordes, nos meus sonhos adolescentes, na minha felicidade, no meu umbigo. Não percebi. Que egoísmo da porra!

Um egoísta e uma egocêntrica. O par perfeito. Uma ego-trip a dois. Que romântico! Descobri numa ensolarada manhã que o meu relacionamento estava indo pro saco sem aviso. Ou pelo menos não um aviso alto o bastante para meu coração surdo que nem uma porta.

Decidi finalmente que isso não estragaria meu dia. Mesmo assim estragou. Tomei um banho e coloquei os pães na torradeira.

– Putamerda, por que a Júlia faz isso? – pensei. – Sempre me deixa à margem da sua vida.

Lembrei de outros episódios em que isso tinha ficado bem evidente, como o dia em que conheci seus pais. Parecia que ela fazia de tudo para que eu falasse o mínimo possível com eles, principalmente com o sr. Walter, um advogado que, como descobri depois, tinha coisas bem interessantes para dizer, apesar da sua profissão. Com a mãe também, ela quase se transformava numa parede de isolamento. Sempre achei que eu era interessante o bastante para impressionar uma dona-de-casa metida a “socialite”, mas sem grana o bastante para ser uma de verdade, mas Júlia não achava o mesmo.

A casa deles tinha uma decoração bem tradicional. A sala onde estávamos era recheada de móveis pesados em madeira escura, sofás grandes com estampas floridas e tapetes orientais. Um cheiro de curry pairava no ar e não vinha da cozinha. Nunca soube o porquê.

– Então, você é que é o famoso Aldo?

– Sou famoso, é?

– A Júlia fala de você há uns 15 anos, eu acho. Como nunca havíamos nos conhecido? – disse Walter, tirando da boca um cachimbo bonito. – Disse que você é reda-

tor publicitário.

– Eu escrevo para ganhar a vida, sim.

– Ah, é? E para ganhar o céu, o que você faz?

– Não sou religioso, infelizmente. A Júlia nunca me disse que o senhor era religioso.

– Ahahahah... não, Aldo, desculpe. É o que eu pergunto quando quero saber o que a pessoa realmente faz para ter prazer.

– Ah... Entendi. Jeito interessante de abordar o assunto. Eu tento ganhar o céu tocando guitarra... alguns projetos paralelos à minha redação.

– Vamos jantar, então? – interrompeu Júlia, bruscamente, colocando metade do seu corpo na passagem da cozinha.

– Projetos? Isso eu não sabia. Que projetos? – perguntou o sogrão interessado.

Pensei que aquele ar de amizade precoce talvez fosse uma armadilha para que eu me sentisse à vontade rápido e despejasse meus mais indesejáveis sentimentos para depois, numa tacada de mestre, quando eu tivesse vomitado tudo, feliz, ele me visse nu, em frente à mãe da minha namorada. Como em sonhos malucos que todos têm. Ai então me olharia com cara de reprovação ou pior, de pena e decepção.

– Foda-se – pensei. – Se for pra ferrar tudo, hoje é um bom dia, e o álcool que corre nas minhas veias é suficiente para me fazer andar nesse lago de gelo fino sem medo.

– Também tenho uma banda. – Eu disse, já cagando e andando para as consequências. O comportamento da Júlia, às vezes, me fazia ranger os dentes de raiva. Raiva porque fazia eu me sentir um estorvo, um banana, uma coisa que poderia envergonhá-la a qualquer momento. Nesses momentos minha vontade era fazer tudo que eu sabia que ela não queria. Vontade de ferrar aquele mundinho perfeito que ela gostava de fantasiar.

Júlia apareceu novamente na porta da cozinha, balançando discretamente a cabeça no sentido horizontal, e me lançou um olhar emoldurado por sobrelhas arqueadas, que dizia, “Não continue, por favor”.

Me fiz de desentendido e com um sorriso cínico continuei a todo vapor, já pensando em botar para foder a noite. Eu estava com raiva daquilo, dela, da mãe dela. Mas o papo do pai ainda estava me entretendo. Ele era o único ali que estava merecendo respeito.

– É, adoro música, quero seguir minha carreira musical. Tenho alguns planos em andamento. Sou um sonhador, sabe... Quero viajar por ai tocando. – Aquilo não era verdade. Há muito tempo eu já havia desistido de ganhar dinheiro com minha guitar-

ra. Mas meu objetivo, no momento, era só deixar a Júlia constrangida.

– Não te recrimino por isso. Pode relaxar e tirar essa ruga da testa. Esqueça a Júlia agora, mulheres não entendem esse lado criança que a gente tem, mas é o que nos mantém vivo, não sei se é o seu caso, mas estou falando de mim agora. Além disso, eu também adoro música.

– Não me diga, o que o senhor costuma ouvir?

– Me chame de você, o.k.? Muito blues e jazz... tenho uma pequena coleção. Eu acho fascinante ver um bom músico tocar, ouvir uma bela canção, os improvisos. Acho uma coisa de inteligência absurda, algo que é impossível conquistar apenas nos livros, na técnica, não acha? Eu gostaria de ter sido um músico, mas nunca aprendi a tocar nada. Casei muito cedo e me ferrei. Ahahahah. Brincadeira, casar é bom, eu é que mudei as prioridades mesmo.

Aquele papo estava ficando bom pra danar, principalmente por que a Júlia estava ficando irritadíssima. Me empolguei e dei corda para o velho se enforçar e me enforçar também. Corda e vinho não faltava, tinha pra todo mundo.

– Pois nunca é tarde para aprender. Temos que improvisar na vida como na música. Se for apenas cerebral fica faltando uma pitada de pimenta. Tem que ter alma, estilo, atitude e isso é difícil aprender nas partituras ou nos livros mesmo. Como nos ensina Charles Mingus, Thelonious Monk, Freddy King, Jimmy Page, Eric Clapton, Jimmi Hendrix...

– Não tenho nenhum álbum do Eric Clapton, mas tenho curiosidade. Já ouvi falar bem demais dele. Acho que ninguém recebe apelido de Deus e conquista a mulher do melhor amigo à toa, ahahahah. Sei a história porque gosto dos Beatles.

– O jantar está servido! – gritou Júlia com ansiedade e impaciência, já sentando à mesa.

O jantar estava uma bosta. Uma comida sofisticada, talheres aos montes, cerimônia de mais. Walter, já meio bêbado, rapidamente cortou um pedaço de pão italiano e chuchou no molho da carne sob o olhar de reprovação da dona Neusa. Eu achei aquilo tão legal que não consegui esconder o sorriso. Peguei qualquer talher e mandei bala no assado.

Achei que tinha rolado tudo bem aquela noite, pelo menos para mim, e talvez pro sogro admirador de jazz, porque a Júlia saiu de lá com um bico enorme e, quando chegamos em casa, foi direto para a cama, dormir, claro.

Outros episódios do tipo “você não faz parte da minha vida ainda” aconteceram por conta de tentativas de me afastar da Cris. Ela sempre tinha uma desculpa esfarrapa-

da (criatividade verbal não era o forte da Júlia) para não convidá-la para os eventos em que eu estaria presente ou vice-versa.

A maioria dessas tentativas não vingou. A partir de certo momento a Cris passou a ser parte da nossa rotina. Foi inevitável.

Eu estava muito feliz por conseguir frustrar esses planos dissimulados da Júlia, mas nunca achei que isso faria ela se afundar em bolinhas tarja-preta. Será que eu era o culpado, mesmo?

Agora mais essa da reunião adiada. Putaquemepariu, caralho.

Quer saber, vou estragar meu dia logo de vez.

Peguei as torradas, o café, coloquei numa bandeja num gesto bem romântico, nada a ver com o clima de pau comendo que estava rolando.

– Júlia, o que está passando na sua cabeça? Tá na hora de você colocar pra fora. Agora! Demorou!

– Ai, pára, vai, me deixa. Hoje não estou boa para isso.

– Você nunca estará boa para falar sobre isso, Júlia. Ninguém lembra um belo dia e diz, “Que ótimo dia para colocar pra fora minhas inseguranças e quebrar o pau com meu namorado. Bom-dia, passarinhos”. Que papo é esse de não me contar do cancelamento da reunião?

– Eu esqueci, porra.

– Esqueceu também de me levar pra jantar com seus pais nos últimos meses, esquece também de convidar a Cris para sair com a gente, esqueceu de me contar que está tomando remédio pra cachola, esqueceu que estou aqui, tentando ser seu namorado de verdade? Cacete, parece que eu é que sou a mulherzinha magoada nessa relação! Você tá me tratando que nem uma puta?

Após dizer isso, eu caí na gargalhada, pois achei que tinha sido uma colocação muito besta. Júlia também teve de cuspir o café para rir.

– Ahahahah... Aldo, o que está acontecendo é que você está muito nervoso por causa do seu show amanhã. É muita adrenalina que está te deixando neurótico. Pára de me pegar pra cristo e vai trabalhar, porque quem está atrasado agora é você.

– Tá, eu vou, mas esse assunto tem pano pra manga. Me aguarde. Eu quero voltar nesse ponto. Vê se pára de tomar remédio pra doido e fuma um, é mais eficiente e menos nocivo.

– Tchau, Aldo...

Dentro do carro, resolvi colocar um CD do Van Morrison, “What is wrong with this picture?”, para me acalmar, enquanto as buzinas, fumaça preta e estresse rolavam

soltos nas ruas. Tentei pensar no show, mas nesse momento eu sentia um frio na barriga e essa sensação sempre era sinônimo de “algo está errado, cara”. E era algo errado com a mulher que eu amava mais que tudo na vida. Ou pelo menos eu achava que sim. Chorei sem lágrimas. Pensei que talvez eu devesse ajudá-la e não socar a cabeça dela dentro d’água para colocar a minha à tona num abraço de afogado.

Já no escritório, me recompus, enxuguei as lágrimas que não rolaram e encarei corajosamente a tela do Word por horas sem parar e tive um rendimento pífio. Pelo menos aquilo tinha servido para aplacar o cruel frio na barriga.

Foi então que eu resolvi deixar o trabalho pela metade. Eu queria chegar logo no estúdio, para poder fumar um cigarro, tomar uma cerveja e entrar no clima “show business” antes de tocar o primeiro acorde.

Estávamos nos preparando há muito tempo pra esse show, seria marcante por dois motivos: o primeiro era a ressurreição da “Tobogã”, minha primeira banda, com formação original; o segundo era porque, depois de tanto tempo, eu subiria novamente num palco. O “Palco Barra Bar” era um pub ótimo, que me trazia muitas lembranças, tanto boas quanto más. Era um bar legal para quem tocava e para quem ouvia. Bem freqüentado, bom atendimento, público quente, cerveja gelada. Era um lugar não muito grande, mas bem bonito, com uma decoração meio irlandesa-de-butique. Além disso, tinha um camarim bem legal onde o uso de cigarrinhos do diabo era liberado pelo dono, o seu Túlio, que conhecíamos há muito tempo.

– Fala, Aldo, beleza? Chegou cedo, cara.

– E aí, Zappa. Tô vendo que já tá com a careca lustrada pro show, hein, negão? E o Lau, não deu carona pra ele?

– Dei, tá conversando com o Júnior lá fora.

– Putz, espero que eles não se empolguem e troquem o ensaio por substâncias alucinógenas de novo. Não tô a fim de elefantes cor-de-rosa voando no estúdio.

– Sei, não. Eu não apostaria nisso.

Júnior e Lau tinham uma relação complicada com as drogas. Isso me deixava inseguro, principalmente às vésperas de uma apresentação. Isso me fazia lembrar dos maus bocados que passei com o Júnior, no auge da banda, tentando curá-lo de “bad trips” minutos antes de subir no palco. Um inferno.

– Ei, Aldo! – disse Júnior já bem alto, não no volume, mas na consciência.

– Fala, meu. Tá pronto pra começar o barulho?

– Opa, com certeza. Mas hoje tô a fim de começar cantando uma que nunca ensaiamos.

Júnior tinha impulsos de rock star frequentemente. Não sei como ele ainda não tinha jogado um móvel pela janela de algum hotel. Eu via nele um medo aterrorizante da rotina. Tudo sempre tinha de ser fresco, novo, desafiador.

– Não inventa, cara. – Nessa roda às vezes eu era o careta, o panos-quentes, o ajuizado.

No momento em que eu dizia isso, Lau começou o ritmo da música, pois Júnior havia dito a ele de antemão a intenção. Eu e o Zappa, que havíamos escutado aquela batida desde que descobrimos quem era John Lennon, entendemos o recado e iniciamos a harmonia sem pensar. Puta som, tenho de admitir, apesar da letra que me dava arrepios.

– Cold Turkey! – gritou Júnior no microfone.

A banda soava como uma banda de adolescentes, o que para uma banda de rock é um baita elogio.

Júnior colocou os demônios para fora cantando aquilo e senti que estávamos fazendo algo que merecia ser gravado, eternizado. Mas eu tinha consciência que minha visão não era imparcial e muitas vezes enviezada. Nem por isso deixei de me emocionar com o soco sonoro que aquela performance me proporcionou.

Emendamos a seqüência programada do “set list” do show com uma de nossas canções. Nesse dia, pela primeira vez eu entendi a letra que eu mesmo havia escrito há muitos anos.

Ei, Deus, o que aconteceu com meu mundo imaginário?

E as férias de verão?

*Não sei não mas eu acho, mãe,
que agora eu cresci.*

E me vi tão longe de mim.

*Meu carro vai em vão e eu não tenho mais pressa,
nessa estrada sem direção.*

O sol nasce e o tempo passa só pra me curar.

Como num filme que me faz lembrar

que eu vi passar

na sessão da tarde

e me deu vontade

de te encontrar

*Não sei não, mas eu acho, amor,
que você já me deixou
sem dizer adeus. E fim.
Antes nunca do que sempre.
Eu vou te esquecer
e fazer uma canção pra mim.*

Me lembrei da Júlia, pensei na minha infância, pensei no meu irmão Jô. Me deu um frio na barriga de novo. Engoli seco.

Foi o nosso melhor ensaio desde o retorno. Talvez o melhor ensaio desde sempre.

Capítulo 8

A casa do Lau era um pouco longe para quem pretendia carregar um amplificador valvulado de mais de 15 quilos e uma guitarra nas costas. Ninguém tinha carro, claro. Com dezessete anos o melhor meio de transporte que você consegue ter nas mãos é uma bicicleta. Pelo menos era o meu caso.

Por isso eu havia combinado pegar um ônibus com o Júnior.

– E aí, vamos?

– Oi, Júnior, me ajuda aqui. Leva a guitarra?

Eu gostava de caminhar pelas ruas do bairro e, mesmo carregando um volume tão pesado, aquilo me dava prazer. Provavelmente, nesse caso, porque eu estava indo em direção ao desconhecido: um ensaio com uma banda completa.

Nesses momentos decisivos eu costumava ficar emocionalmente sensível, acho que por causa da adrenalina. Eu olhava para tudo ao longo do caminho que eu tinha percorrido inúmeras vezes e notava detalhes como se tudo estivesse acontecendo pela primeira vez e em câmera lenta. Vi uma gaiola vazia na frente da casa de uma senhora conhecida no bairro e pensei se o canário talvez tivesse morrido, ou a velhinha mesmo; um cachorro, que desta vez não latiu para mim, parecia doente; o barbeiro de sorriso cimentado no rosto dormia na cadeira “ferrante” antiga, estava com uma aparência deprimida. O céu estava encoberto por nuvens, mas, naquele dia, meus pensamentos estavam piores que o tempo. A pergunta que me intrigava era: por que essa sensação melancólica me dava prazer?

Já no ponto de ônibus, acendi um cigarro.

– Dá um trago?

– Pô, Júnior, acende o seu. Detesto dividir cigarro porque fica quente e mole.

– Dá um então, fresco. Puta mau humor, hein...

– Não tô mal-humorado, não. Só melancólico.

– Coisa de bicha.

– Pára e pensa. Você nunca nessa vida ficou deprimido?

– Sei lá, meu, talvez... uma vez que risquei meu disco do Led Zeppelin importado.

– Claro que ficou. É que você foge tanto de tudo que nem se dá o direito de assumir que é um deprê de primeira. Sempre tentando mostrar que é o fortão, o bacanão pra provar pra você mesmo que não é sensível.

– Cala a boca, cara. Você fala muito. Parece uma menina, caralho. Dá logo um cigarro aí.

Esperamos o lotação por 20 minutos em silêncio. Percebi que o Júnior estava pensando nas minhas palavras, quando parou um carro bacana na nossa frente.

– Aí, galera, entra!

Eu e o Júnior não sabíamos, mas a mãe do Zappa deixava ele dirigir o Opala dela às vezes. Achei isso bom e ruim: bom porque não íamos pegar o lotação e ruim porque eu achava assustador uma mãe liberar o carro para um adolescente que mal sabia dirigir. Aquilo me dava medo e isso estava escrito no meu rosto de alguma maneira, porque o Júnior logo pegou no meu pé.

– Calma, Aldo, que cara de assustado! Papai do céu vai cuidar de você, nenê. – disse rindo.

Eu provavelmente estava branco. Quando o medo aparecia e segurava a minha garganta pra valer era assim. Eu estava com uma sensação de tragédia iminente. Mas meu medo de verdade não era proveniente da falta de habilidade e maturidade do motorista, era algo muito mais complexo, mas que eu entendia e controlava bem. Em momentos como este, de sensação de morte, eu sempre recordava de um período traumático na minha vida, e isso estava acontecendo agora, tendo como gatilho esse motivo idiota.

Quando eu tinha apenas cinco anos de idade, eu fiz, ou melhor, tentei fazer uma viagem com meus avós e meu irmão mais novo, Jonas, para o interior de Goiás. Era um período do ano que deixava a gente eufórico. A ansiedade e felicidade tomava conta da minha alma só de pensar na diversão que nos esperava na fazenda. Era um lugar bacana, sem nada de luxo ou fora do normal, mas para mim era Shangri-lá.

No dia anterior o processo da alegria já tinha começado, pois fomos dormir na casa dos meus avós, o que era um prenúncio de diversão pura.

Eram seis horas da manhã quando a minha avó nos acordou, segurando dois copos de leite quente.

– Meninos, chegou a hora! Vamos que o vovô já está esperando.

O carro do vovô era uma Caravan branca, uma wagon já um pouco velha. Era o maior

e melhor carro do mundo. Vô Nelson acomodava as malas em um bagageiro no teto e preparava uma caminha bem aconchegante com colchas de retalhos no portamalas. Aquilo era o céu. Conforto dez, segurança zero.

A estrada era longa, tínhamos mais de 10 horas de expectativa e zona no portamalas antes do sempre esperado pôr-do-sol com os cachorros, quando os peões recolhiam o gado.

Jô era uma criança mais quieta que eu, mais carinhosa. Sempre que minha avó descascava laranjas pra gente, ele se dispunha a levar as cascas para o lixo. Uma atitude rara em um moleque de dois anos. Esse fato, nas minhas lembranças, resume Jonas. É assim que eu me lembro dele.

Mas a vida é dura às vezes e a nossa amizade, nossas brincadeiras, nossas brigas, nossa história, nossa viagem foram interrompidas bruscamente por um caminhão de cana em meio à fumaça de uma queimada na beira da estrada.

A primeira coisa que me lembro depois de ter cochilado pela terceira vez, enrolado nas colchas de retalho, foi do rosto triste do meu pai que chorava muito e ao mesmo tempo esboçava um sorriso que teimava em não se abrir. E eu estava em uma cama de hospital e minha perna estava enfaixada. Doia um pouco, mas eu não reclamei, pois eu tinha preocupações mais urgentes.

– Papai, cadê o Jô? Eu quero a mamãe.

Ninguém me respondia nada, ficavam apenas falando coisas que para mim pareciam sem sentido. Uma adulação sem motivo aparente. Não me diziam onde estavam Jonas e minha mãe, até que eu comecei a chorar também e gritar. Eu estava estranhando meu pai, ele estava esquisito.

Foi então que ele me disse:

– Filho, o Jô não vai voltar. Ele foi morar com o papai do céu.

Jô tinha sido lançado longe do carro através do vidro traseiro da Caravan que capotou após a colisão, como fiquei sabendo anos depois.

– Mas eu quero ver ele...

– Não filho, agora só o papai do céu que pode ver o Jô.

– Eu quero a mamãe.

– Filhote, a mamãe não está aqui, ela logo vem ver você, tá? O papai vai ficar com você.

Neste momento, vô Nelson apareceu na porta do quarto. Ele tinha uma bandagem na testa. Me lembro claramente do seu rosto transtornado, porque lembrava uma expressão que eu havia visto no rosto de um ator, num filme ou novela. Nesse

momento eu percebi que estava acontecendo algo muito ruim e fiquei desesperado. Parecia que ninguém podia sorrir e por isso o pavor tomou conta de mim.

– Eu quero o Jô, eu quero a mamãe!! Papai, eu quero a mamãe.

Fiquei nesse escândalo sem freio por muito tempo, mas, é claro, não me lembro quanto nem qual a intensidade disso. O que sei é que foi suficientemente desesperador a ponto do meu pai resolver me levar ao velório, que acontecia ao lado do hospital.

Enquanto meu pai me levava no colo eu via muitas pessoas conhecidas ao longo do caminho, e mesmo com sorrisos faltando e lágrimas sobrando em todas as faces, meu ânimo estava voltando. Não adiantavam as palavras do meu pai. Eu não entendia tudo aquilo.

– Filho, o papai vai mostrar pra você que o Jô está dormindo e não vai acordar, viu? Ele foi morar com o papai do céu... – repetia insistentemente com uma voz irreconhecível.

Paramos em frente a uma porta larga onde eu vi muitas flores no chão, nas laterais, por todos os lados. Aquilo me animou bastante. Era tudo colorido e bonito. Foi quando vi a minha mãe passando por mim como se não tivesse me visto, com as mãos no rosto e amparada pela minha tia Lúcia, que me beijou a testa rapidamente.

Algumas pessoas conversaram com meu pai e eu estava muito assustado de novo.

– Papai... eu quero a mamãe.

– Olha, Aldinho. O Jô está deitadinho aqui.

– Jô! Tira ele daí, papai! Jô... ele tá dormindo? Acorda ele, papai.

Foi então que meu pai percebeu que tinha feito a coisa errada. Me entregou para a minha avó que estava ao lado e ajoelhou-se em frente ao caixão branco.

Minha avó me levou dali rapidamente e imediatamente começou a sorrir para mim, apesar do esforço que tinha de fazer por causa do seu braço engessado, falando de doces, brinquedos, parque de diversões. Disse que iríamos nos divertir muito. Que um dia encontraríamos o Jô, mas agora era pra gente deixar ele descansar um pouco. Me senti seguro, me senti amado de novo. Alguém estava me vendo, alguém estava como eu conhecia.

Tomamos um sorvete na padaria e dei um suspiro profundo, daqueles que as crianças dão depois de chorarem muito. Me senti imediatamente aliviado.

Passei alguns dias na casa dos meus avós. A morte do Jô afetou minha mãe de tal forma que ela demorou semanas para conseguir me levar de volta para casa.

Esse dia está marcado no meu cérebro com ferro em brasa. Nada apaga esse

Capítulo 9

– Alô, Cris? É a Jú.

–...

– A Jú... tô sussurrando porque não quero que o Aldo escute.

– ...

– Não, ainda não dormi.

– ...

– Tarde, né... desculpa. E você? Estava dormindo?

– ...

– É que eu estou meio triste, sei lá. Deu saudades, e como sei que você dorme tarde...

– ...

– Agora? Mas o que eu vou dizer pro Aldo?

–...

– Tá, eu dou um jeito.

–...

– Tá bom. Te encontro em meia hora aí, então. Beijo.

Já passava das vinte e três horas de uma terça-feira quente. Apesar de estarmos ainda no fim do inverno, parecia uma noite de verão. Eu estava deitado no sofá da sala, vestindo apenas uma cueca, com o fones de ouvido nas orelhas. Parecia um macaco louco fumando. Como a Júlia aguentava aquelas cenas?

Como o CD havia acabado bem naquele momento por acaso, eu ouvi a conversa dela no telefone com a Cris.

Me fingi de morto e deixei rolar para ver onde aquilo ia dar. Eu estava entrando na fase “quero ver o circo queimar” desde que tentei, pela milésima vez, conversar sobre o nosso relacionamento moribundo e não obtive resposta a não ser o eco das minha voz cansada e nervosa.

Júlia não demorou a aparecer na sala.

– Aldo, vou dar uma saída, tá?

– Mas a essa hora? Assim de repente? Vai onde?

Eu queria ver até onde ela era capaz de levar uma mentira. Quantas vezes será que ela já mentiu pra mim? Tantas quantas eu menti pra ela?

– Ah, eu não tô legal... acho que estou ficando gripada ou sei lá o quê. Vou dormir na casa da mamãe. Assim ela me dá aqueles remédios caseiros dela.

– Gripe...

– Não sei se é gripe, Aldo. Só quero dormir lá hoje, dá licença?

– Ué, vai! Desculpe por me preocupar com você. – Falei com um ar sínico.

– Preocupar ou tesourar?

– Só se eu for do tipo tesoura cega, porque cortar você é uma coisa que nunca consegui. Você sempre faz o que dá na telha.

– Tesoura talvez. Cega, com certeza.

– O que eu não vejo? Você podia ser uma cadela-guia pra mim hoje? Por favor?

– Não baixa o nível, Aldo.

– O que eu não vejo? Que você está numa crise profissional infernal, se afundando em Prozac e fingindo que o idiota de cuecas aqui não existe? Que inferno de vida é esse?

– Não, cego porque é um idiota de cueca, e furada, diga-se de passagem, que não enxerga que também sou, que também tenho limites, que também gosto de ser criança às vezes, para variar.

– Tá furada, é? Onde?

– Na bunda.

– AHAHAHAHA

– AHAHAHAH

– Merda, detesto rir quando estou nervoso. Vai logo, vai, Júlia. Não tô a fim de mais discussão hoje. Foda-se o que eu penso. A vida é sua.

Ela estava disfarçadamente eufórica e não resistiu em colocar uma camisa decotada e um perfume leve. Foi lamentável. Naquele momento eu soube que, ou ela me achava completamente cego mesmo ou achava que eu não estava mais me importando nem um pouco com ela ou com nosso relacionamento. E ela estava completamente errada, fosse qual fosse a alternativa.

Para provar isso, resolvi que eu descobriria o que rolava entre aquelas duas. E, como era de costume, o meu plano não tinha sutilezas.

– Alô, Cris? É o Aldo.

– Aldo? Tudo bem?

– Acho que sim... desculpe a minha intromissão nos seus assuntos particulares sexuais mas, sem querer, eu ouvi a Júlia falando com você no telefone. Então achei que já não era tão particular assim.

– Putamerda Aldo, você é foda. Parece criança. Ouviu sem querer, né?

– Pior que foi. Eu estava de cueca furada com fones de ouvido, mas não estava rolando música nenhuma. Uma fatalidade. Ou melhor, duas: a cueca furada e a escuta.

– Cara, como você consegue ser tão irônico? A Júlia vem aqui porque precisa desabafar com uma amiga. Você deve ter ouvido. Seja mais sensível, finja que não ouviu e vá dormir. E, cá entre nós, ver você de cueca furada com fone de ouvido deve ser assustador.

– Eu não sou irônico. Só começo a fazer piadas quando estou nervoso. É incontrolável. Mas, voltando ao principal, o que eu ouvi foi a minha namorada se derretendo como manteiga, dizendo que estava com saudades de você. Depois disso acho que meu sono só seria legal se eu tomasse as bolinhas tarja-preta dela.

– Ah! Quem é o ciumento, agora? Pára com essa infantilidade, vai! Não é você que vive se gabando de ser um cara superseguro?

– Não, Cris, você não está entendendo. Não estou puto, não quero brigar com você e muito menos com a Júlia. Pra mim, isso é uma coisa muito mais importante que uma escapulidinha lésbica. Preciso saber se a Júlia pensa que eu sou cego ou que não a amo.

– Quê? Escapulida lésbica! Ahahaha. Você é muito petulante, mesmo. Sorte sua que eu gosto de você apesar dessa sua boca-mole. E lá vem você com suas questões filosóficas de merda... Explica isso direito, vai.

– Não se ofenda, ó ladra de namoradas, mas só estou sendo objetivo porque acho que você não é uma pessoa passional. Entenda... ela dá tanta bandeira de que vocês transam, que me fez concluir que uma das duas coisas ela acha, certo? Ou me acha uma besta cega ou acha que quero que ela se foda.

Porque, na verdade, ela não tem como saber que eu não me importo em dividi-la com você, já que ela nunca quis desenvolver o assunto.

– Senhor superseguro e seu pensamento binário de macho... você não se importa? Aldo, uma mulher nunca será decifrada de uma maneira tão simples. Imagine duas juntas, então. E nessa hora, meu amigo, se você tem sangue nas veias, você é

passional. Eu apenas sei disfarçar muito bem, você, não.

– Bom, ao menos já sei uma coisa. Eu não estou louco. Vocês transam mesmo e você me acha uma besta. Faltou saber o que pensa quem mais me importa, a Júlia.

– Se você é louco ou não, acho que eu não me atreveria a arriscar uma resposta fácil. Acho que não. Eu gosto de você, Aldo, e a Jú te ama de verdade, na minha opinião. Por outro lado, nós sabemos muito bem separar as coisas, acredite nisso. Por isso vou te dar um conselho: vá dormir e tome as bolinhas se for preciso, não todas, tá? Não tenho como falar mais sobre esse assunto sem a Júlia. Eu prometi. Não vá fazer nenhuma besteira...

– Besteira do tipo mandar a Júlia à merda ou besteira tipo me enforcar com a cueca?

– Ahahahah... você continua nervoso. Quero dizer aparecer aqui em casa dando chilique, por exemplo.

– Tá maluca? Não quero que a Júlia pense que estou seguindo ela pelas ruas que nem um psicopata. Seria uma situação absurda. Eu não sou assim. Somos pessoas inteligentes e civilizadas, lembra? Meu humor tá pior que humor de rato preto, apesar das piadas idiotas, mas eu não chegaria a tanto.

– Civilizados demais pra minha cabeça. Não estamos num filme do Woody Allen, isso aqui é vida de verdade. Quando ela chegar eu aviso que você ligou e explico a situação. Conheço sua mulher melhor que você.

– Você quis dizer NOSSA mulher, né, Cris. E, já que você comentou, eu adoro o Woody Allen e acho que nem você consegue saber o que se passa na cabeça da Júlia. Se você está mesmo apaixonada por ela, como eu acho que está, também deve estar enlouquecendo.

– Talvez, mas isso não importa agora.

– De qualquer maneira não diga que eu liguei. Isso fica entre nós.

– Tá. Então é isso. Tchau.

– Tchau.

Fiquei irritado pelo motivo mais besta que alguém podia encontrar para ficar irritado nesta situação. Eu estava puto porque, sempre que eu achava que tinha tomado uma atitude radical e genial, a Cris me desbancava. Não era a primeira vez que isso acontecia. Menina esperta. Ela acertou na cabeça, eu estava louco para ir até a casa dela e ter um chilique.

Talvez isso tenha sido o primeiro indício de que, no momento, eu estava mais preocupado em impressionar a Cris do que em me acertar com a Júlia. Ou talvez, incons-

cientemente, eu estava tentando mostrar para as duas que eu era superseguro.

Pra pensar mais no assunto, aproveitei que estava sozinho e coloquei para rolar no som uma coletânea do Ray Charles, da segunda fase de sua carreira, na qual as músicas orquestradas pareciam de um Frank Sinatra de alma negra. Ajustei logo na faixa “Ruby” e aumentei o volume o suficiente para poder escutar no banheiro. E isso significava muito alto.

Fiquei romântico instantaneamente, mas no meu romance de porco chauvinista eu estava apaixonado por duas encantadoras mulheres que transavam lindamente. E a minha meta suprema era cair na cama com elas. Eu jamais admitiria isso verbalmente, mas era a pura verdade.

Eu queria apenas sorrir para a vida e esperar ela sorrir de volta para mim.

Fui até o armário, escolhi uma roupa bem bacana. Tomei um banho demorado, enquanto torcia para que o Maverick não me deixasse na mão.

Me olhei no espelho rapidamente. Eu não conseguia me encarar.

Já no elevador encontrei uma vizinha adolescente e seu cachorrinho. Era uma garota linda de traços orientais que por alguns segundos me fez esquecer pra onde eu estava indo.

– Oi, tudo bem?

– Tudo.

– Tchau.

– Tchau.

Desci no térreo junto com ela, mas me lembrei subitamente que eu estava indo para o subsolo rumo a uma missão divina. Entrei de volta no elevador após fingir que eu tinha esquecido algo no apartamento e descii para a garagem.

O carro não pegou, mas hoje pegar um táxi não estava nos meus planos. Então arregacei as mangas, levantei o capô e, após meia hora de mão na graxa, o carro resolveu colaborar.

Saí com mil planos mirabolantes na cabeça e, quando isso acontecia, fatalmente nenhum deles dava certo. Na verdade, na maioria das vezes nem chegavam a se transformar em ação.

O que aconteceu então foi cômico.

Dirigir o Maverick era um prazer, especialmente naquela noite que, depois de brincar de mecânico na garagem, ele estava colaborando com minhas intenções.

Fui até uma loja de conveniência comprar cigarros e uma garrafa de vinho. Como não entendo nada de vinhos, peguei o mais caro da loja, o que não significa que eu

tenha gastado muito.

Parei em frente ao edifício onde Cris morava, do outro lado da rua. Seu apartamento ficava no terceiro andar e tinha uma porta-balcão envidraçada na sacada, coberta apenas por uma cortina leve através da qual eu podia ver dois vultos humanos. O carro da Júlia já estava estacionado ali perto também. Então as silhuetas eram dela e da Cris, com certeza.

Agora eu precisava de coragem para tocar aquela campainha e dizer, “Oi! Alguém ai está a fim de realizar as fantasias de um egocêntrico insensível tarado filhodaputa de cueca furada?!”

Quando pensei nisso, caí na real. Era exatamente aquilo que eu queria fazer e era exatamente aquilo que eu seria caso tivesse a cara-de-pau de tocar aquela campainha.

– A Cris tem razão. Eu sou uma besta. – pensei.

Me acomodei no banco do carro e resolvi abrir o vinho, decepcionado com o que eu tinha ido fazer e por não tê-lo feito. Era uma boa comemoração aquela. De fato todos os homens, por dentro, ainda carregam um coração neanderthal e, apesar disso, alguns conseguem aplacar a vontade animal de meter o tacape na cabeça da fêmea. Ou das fêmeas. Não sei como.

O problema é que neanderthais não sabem abrir uma garrafa de vinho. Principalmente sem um saca-rolhas.

Abri a porta do carro e, num movimento calculado, bati o pescoço da garrafa no meio-fio levemente.

Não funcionou.

Saí do carro e, dessa vez, mais resolvido, bati de novo, no poste.

Fez mais barulho do que eu podia imaginar. Isso porque a rua estava completamente deserta.

Num susto entrei de volta no carro e verifiquei se a garrafa estava ainda em condições de me fornecer um pouco de álcool.

Estava, mas ela não aceitaria minha boca em seu gargalo pontiagudo sem cortar-me os lábios fora. E, talvez, se eu não tivesse sorte, até perfurar alguns órgãos do meu aparelho digestivo com uns caquinhos de vidro.

Eu tinha que beber aquilo e ao mesmo tempo eu não queria perder um segundo de silhuetas na janela e nem acabar com o cu em farrapos. Sem pensar muito na idiotice, tirei a camiseta e, formando com ela um tipo de coador, filtrei o vinho, amparando o resultado da alquimia em uma latinha de Coca-Cola vazia e amassada que esta-

va há uns dias no porta-luvas.

Agora, sim, eu podia me embebedar tranqüilo.

Quando voltei a minha atenção para o programa principal da noite, as silhuetas simplesmente tinham desaparecido. E fim de show. Foi tudo que eu vi.

Liguei o som do carro e continuei ouvindo a coletânea do Ray. Eu esperava, quando trouxe esse CD, que o degustaria em outra situação, mas tudo o que eu tinha conseguido era vinho vestido de Coca-Cola e vista privilegiada para uma cortina.

Lembrei do último show do Tobogã, no Palco Barra Bar. A Cris estava linda lá e sozinha, exceto pela companhia da Júlia. O Eduardo já era carta fora do baralho. O bar não estava muito lotado, mas os aplausos delas duas me pareceram muito sinceros e empolgados. Aquilo tinha feito meu dia.

Elas estavam tão bêbadas que nem perceberam que, quando foram ao banheiro juntas, voltaram com o batom borrado. E eu achei aquilo lindo.

Será que as pessoas têm a capacidade de se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo? Essa é uma questão pouco discutida, talvez um tabu gigante que ainda teime em frear um estudo sério. Ou talvez eu seja ignorante no assunto e simplesmente não saiba das dezenas de livros disponíveis sobre isso. Não sei. O fato é que eu acho que isso estava acontecendo comigo. Paixão dupla.

Afundi-me no banco do carro, no vinho e nas minhas filosofias baratas, o que me fez adormecer profundamente. Só acordei com as batidas da Júlia no vidro do carro horas depois.

– ã... Júlia?

– Aldo! Peloamordedeus! Você se machucou? O que você fez?! – Gritou.

– Ah, não, isso na camisa é vinho. Jú, deixa eu explicar, eu não queria te espiar...

– Putamerda! Que susto seu idiota! Esquece isso. Abre aqui.

– Jú, desculpe, eu...

– Eu sabia o tempo todo que você estava aqui. A Cris viu o Maverick pela janela. Eu achei que você ia bater na porta e me dar uma lição de moral. Mas, mais uma vez, me surpreendi.

– Eu não faria isso.

– Não bateria na porta da Cris, né?

– Bateria, sim. Mas não te daria uma lição de moral.

– Que bom que você não se machucou. Que susto...

Eram umas cinco da manhã e, não sei por qual motivo, Júlia estava com uma

expressão tranqüila. Dirigiu meu carro de volta para o apartamento sem dizer mais nenhuma palavra. Mal chegando lá, arrancou a minha roupa e transamos bem devagar, como não fazíamos há tempos. Eu senti o corpo dela de uma maneira diferente. Parecia que estávamos misturados, como café e leite, nossas bocas não se desgrudavam.

O mais estranho de tudo, porém, foi que, pela primeira vez, ela me disse algo que jamais pensei que ouviria dela. Fiquei perplexo, porque eu simplesmente achava que ela fosse incapaz de verbalizar um sentimento.

– Aldo, eu te amo muito.

Em vez de curtir o momento, o que me veio na cabeça foi:

Se ela me disse isso hoje é porque ela é capaz de fazê-lo, ao contrário do que eu pensava. Então, isso significa que, até hoje, ela não tinha certeza de que me amava.

Talvez eu fosse inocente, mesmo. Ou neurótico. Ou ambos. Mas eu não estragaria aquela noite discutindo isso com ela. Uma coisa eu tenho certeza de que não sou: burro.

Esperei a Júlia adormecer e liguei pra Cris.

– Oi, Cris.

– Oi, Aldo.

– Desculpe e obrigado.

– Não esquentar. Vai dormir.

– Boa-noite.

Capítulo 10

Seria o primeiro show do Tobogã. Estávamos preparadíssimos. O ginásio da escola estava lotado. Trezentos e tantos adolescentes prontos para aproveitar uma falha minha e usar isso contra mim pro resto da vida.

Por outro lado, poderia ser a minha redenção.

Meia hora antes de subirmos no palco fomos para o camarim improvisado na parte de trás, enquanto outra banda se apresentava. Era a Expresso, que, por decisão deles, resolveram se apresentar antes da gente, isso por conta de poderem fazer um outro show ainda no mesmo dia. Ironia do destino ou não, o fato era que a banda preferida da escola estava fazendo a abertura pra gente. Outra coisa importante era que a performance não estava sendo das melhores, pois os substitutos do Lau e do Zappa não estavam à altura, na minha opinião.

– Bom, galera, é agora. Chegou a nossa vez de arrebentar. – disse Júnior, pra lá de Bagdá devido ao consumo de cerveja, maconha e sei lá mais o quê.

– Vai ser mole, o Expresso tá mal pacas. – disse Lau, igualmente alterado.

Zappa estava concentrado, repassando as músicas no contrabaixo desligado. Parecia em transe.

Eu, quase mijando nas calças e sentindo um gato arranhando a minha barriga por dentro, tentava me distrair, pensando em coisas não relacionadas como equações de segundo grau, por exemplo.

Mas não dava muito certo. Então peguei uma lata de cerveja com o Júnior e a bebi quase num gole. Reacendi também o seu baseado. Isso, sim, funcionou. Me desliguei tanto que só fiquei em pé quando, nos alto-falantes, ouvi a voz do apresentador:

– Agora a estréia da noite, Tobogã!

A adrenalina subiu rápido. Fiquei tão sóbrio quanto minha mãe. Parecia que, naquele momento, o tempo estava passando muito devagar e os cinco minutos que demoramos para plugar os instrumentos pareceram duas horas.

Havíamos combinado que tocaríamos o mais alto possível.

A galera estava conversando, sem se importar muito com a gente.

Imaginamos antes que isso aconteceria e, pelo jeito, Júnior tinha um plano para ir contra essa receptividade pouco calorosa, pois foi logo encarando o público:

– Aí, seus alunos cuzões. Hoje vocês vão ouvir rock. Vamos botar fogo nessa escola!

Ele disse isso berrando no microfone, depois encheu a boca de cerveja e cuspiu na platéia. Lau já começava a contagem pra abrimos com “School’s Out”, claro.

Os instrumentos soaram como uma parede que desmoronava sobre os ouvintes. Aquela química que havia nos ensaios estava presente também no palco, sem dúvida.

À medida que os acordes barulhentos inundavam o ambiente, minha cabeça saía do prumo. Meus dedos pareciam que sabiam o caminho a percorrer no instrumento, mesmo sem ajuda do meu cérebro. Aquelas pessoas pulando e dançando logo abaixo dos meus pés era simbólico. Eu percebi que o sentimento de superioridade, naquela posição ditatorial, era possível até em mim.

Depois de três músicas emendadas, sem pausa para respiro, paramos. Foi aí que eu pude sentir o que é ser aplaudido de verdade. Aqueles caras que não me escolhiam para o futebol e aquelas meninas que nem sabiam que eu existia estavam ovacionando minha banda! Agora, sim, eu era alguém naquela escola.

Júnior, já sem camisa, com algumas tatuagens à mostra, não parava de falar absurdos em todos intervalos. Mas na metade do nosso set list algo aconteceu. Tudo parou de funcionar de repente.

Não eram mistérios da eletricidade nem a Lei de Murphy se fazendo presente de novo. Foi o diretor que, por conta dos palavrões do Júnior, havia mandado desligar a energia.

Era tudo o que a gente precisava para virar mito na escola. O diretor tinha acabado de nos dar a primeira lição de marketing para o show business, mas só descobriríamos isso bem depois. Naquele momento a gente queria ele morto. Fizemos um escândalo, pedindo que religassem tudo, em vão. O “grand finale” foi o Júnior mostrando a bunda. A platéia veio abaixo. O diretor disse que iria expulsar a banda inteira da escola, ameaça que não se concretizou.

Desatei a rir e, por um momento, o tempo congelou e tudo ficou silencioso pra mim quando, ao olhar para aquele monte de cabecinhas agitadas no gargarejo, meus olhos encontraram os olhos da Júlia. Ela estava me olhando fixamente.

Por que ela fazia isso? Será que ela não gostava do Júnior? Será que era apenas porque ela me queria aos seus pés? Eu não sabia a resposta, mas adorei, porque, como nunca antes, vi lascívia naquele olhar. Eu tive a sensação de que ela me queria naquela hora, selvagemmente. O problema é que eu só teria certeza disso muito tempo depois. E, na verdade, um adolescente nem sabe direito o que é “querer selvagemmente”.

Mas eu não podia ficar me derretendo pra ela, esperando que, por um milagre, ela me arrastasse até o banheiro mais próximo e tirasse a roupa. Hoje era meu primeiro dia de aluno popular na vida. Eu precisava de sexo rápido para coroar a minha conquista e, para isso, além de sorte, eu precisava trabalhar. Eu estava cansado de ser virgem.

Quando descí do palco, dei de cara com a Cris, que já se aproximou falando. Imediatamente ela se tornou meu alvo.

– Ei, Aldo. Pra alguém bobo como você até que você manda bem nessa guitarra.

– Bobo?

– É. Bobo. Fez a Júlia chorar uma vez, com grosserias, lembra? Você não tem muito jeito com as meninas, não é?

– Talvez você tenha razão. Preciso de experiência. Preciso de uma professora. Quer se candidatar?

– Ahahahah... que sutileza!

– Vamos sair para beber um pouco. O Zappa está de carro. A Júlia também vai com o Júnior. Vamos?

– Tudo bem. Hoje estou a fim de encher a lata mesmo.

Zappa também tinha uma namorada. Fomos os seis, deixando o Lau tentando arrastar uma perda pra casa no pátio da escola.

No carro o espaço era pouco e sem cerimônias, Cris sentou no meu colo. Isso me deixou maluco por ela.

Paramos num lugar com iluminação boa para namorar. E essa é a única característica do lugar que eu me lembro.

Sentamos numa mesa redonda e começamos a pedir tequila com limão para comemorar o sucesso do show.

Lambi um monte de limão e sal, querendo lambe a Cris.

O Zappa não bebeu mais que uma cerveja. Eu estava errado, afinal, em julgar a mãe dele por lhe emprestar o carro. Ele era responsável mesmo. Estava maneirando para dirigir depois.

Em compensação não demorou muito para o Júnior sair do bar e se instalar perto do poste para vomitar e tomar um ar fresco.

Júlia, sem seu par na mesa, olhava para mim e para a Cris com um jeito de pânico disfarçado. Parecia que estávamos fazendo algo que a estava incomodando imensamente quando nos beijávamos. O mais engraçado é que eu podia jurar que a Cris estava adorando isso. Parecia que o desconforto da Júlia a estava excitando e satisfazendo de alguma forma.

A essa altura eu já estava louco para arrancar a roupa da Cris, com ou sem Júlia por perto, e ela sabia isso. Ela me deixava completamente à vontade. Quando eu escorreguei a minha mão na sua coxa até sentir na ponta dos dedos o tecido da sua calcinha, ela colocou a boca perto do meu ouvido.

– Vamos pra minha casa?

– Sua casa? E seus pais?

– Eles estão dormindo. A gente entra e vai direto pro meu quarto.

Tremi. De desejo e de ansiedade. De medo de broxar.

– Claro, vamos. Mas temos que esperar o Zappa para nos dar uma carona.

– Vamos de táxi, eu pago.

– Tudo bem, porque minha grana só vai dar para as tequilas.

Cris se despediu da Júlia com um beijo no rosto e um abraço demorado. Disse alguma coisa em seu ouvido.

No rádio do táxi estava rolando uma sessão de música-motel que eu adorei. Rolou uma canção do Marvin Gaye incrível que me marcou: “Sexual Healing”.

A Cris estava infernal e foi logo colocando a mão dentro das minhas calças sem se importar (ou aproveitando a situação mesmo) com o motorista que, de vez em quando, dava uma olhada na sacanagem pelo espelho retrovisor.

Consegui manter meu pinto dentro do zíper por pouco quando o carro parou.

Estávamos apressados e, pela primeira vez na vida (hoje era a noite das primeiras vezes), entendi o que era um agarro no elevador. Incrível estar dentro de um cubículo em situação de quase-sexo, podendo ser pego a qualquer momento e ao mesmo tempo, sabendo que daria para tentar disfarçar de alguma maneira. Pura diversão e prazer.

Já em seu apartamento, um puta duplex, moderno, gigante, atravessamos a sala devagar e quietos. Para chegar até o quarto tínhamos que subir uma escada longa, acarpetada, longa de mais para o nosso tesão. Nos atracamos ali mesmo, eu encostado na parede, e Cris foi logo tirando a saia, a camiseta, a calcinha. Quando eu parei

para pensar, ela estava só de sutiã, ajoelhada na minha frente. E eu com as calças arriadas até os joelhos. Aquilo foi tão bom que ejaculei antes de conseguir avisar. Resolvemos nos vestir e ir até a cozinha tomar fôlego e um pouco de água gelada antes de ir para o quarto.

O quarto dela era comum, de adolescente. Quase infantil, com uns ursos de pelúcia em cima do armário, mas muito aconchegante. Ela acendeu um incenso, fumamos um baseado e fizemos sexo como se faz esporte. Depois como se faz meditação. Depois com tanta intimidade que parecíamos namorados. Ela era uma menina que parecia ter nascido para transar. Não tinha tabu nenhum a respeito de sexo.

– Aldo, já percebeu que tudo nessa vida gira em torno de sexo?

– Não sei, Cris, nunca parei para pensar nisso.

– Vamos fazer um jogo. Você diz algo que você faz e eu te digo o motivo, o.k.?

– Tá. Deixa eu pensar..

– Não pense. Qualquer coisa.

– Tocar guitarra.

– Você toca pra conquistar status e respeito, pra conquistar uma garota, pra conseguir sexo. Diz outra.

– Mmmmm... estudar.

– Você estuda para poder ter um emprego, para conseguir dinheiro, para poder comprar coisas, para te dar poder, pra conquistar ou impressionar alguém, para ter sexo.

– Ahahahah... você está sendo radical.

– Não... quer continuar?

– Sei lá... que mais eu faço? Escuto música.

– Você escuta música porque te dá prazer, porque as músicas te dão a sensação de poder ou de lembranças ou de sentimentos que te lembram alguma situação, que te lembram alguém que você queria comer ou comeu. Sexo.

– Não. Isso não é verdade. Forçou. Muitas vezes eu escuto música pelo puro prazer de ouvir mesmo.

– Que legal! Eu, não. Sempre acabo pensando em sexo, ahahahah.

– Vamos ouvir música e transar de novo agora?

– Vamos. O que você tem aí?

– Tenho um disco legal, muito louco. Você talvez goste. E quando ouvir esse cara vai lembrar dessa transa. Miles Davis.

Cris era uma professora e tanto. Me ensinou a gostar de sexo, jazz e incenso em

uma só noite.

Ela curtiu muito me ensinar. Eu sei, porque ela me disse isso e, apesar disso, também deixou claro nas entrelinhas que seria coisa de uma noite só. Achei que era porque ela não gostava muito de moleques e que não era nada pessoal.

O fato é que, depois dessa noite incrível, ela voltou a ser a Cris que eu mal conhecia. Nunca nos tornamos amigos pra valer. Cheguei a pensar que podia ser uma barreira criada pela Júlia por algum motivo oculto, mas considerei que podia ser um pensamento da minha cabeça de paçoca. Eu não me conformei fácil. Depois dessa transa, ela sempre conseguiu ficar longe, gelada. Colega de “oi” e “tchau” mesmo, sem se abalar, por mais que eu tentasse.

Levantei da cama quente dela muito cedo, por volta das seis horas da manhã, porque era importante que eu saísse antes dos pais dela acordarem.

Como meu dinheiro tinha sido transformado em um monte de doses de José Cuervo dourada, tive de caminhar, com a guitarra nas costas.

O clima estava confortavelmente fresco, ou talvez fosse o meu estado de espírito que tenha me feito sentir daquele jeito.

A Cris não morava muito longe da minha casa, então com meia hora de passos ritmados eu já estava na minha cama.

Apaguei instantaneamente, pensando na minha já ex-namorada. Quem diria, namorei uma noite. E também, pela primeira vez, dormi até às três horas da tarde.

Minha mãe ficou preocupadíssima, achando que eu estava doente.

Na verdade eu estava me sentindo o melhor cara do mundo. Eu sentia uma segurança que, sem eu saber, estaria para sempre comigo.

Capítulo 11

Hoje acordei com uma ressaca daquelas. Eu não era mais um menino e aquele vinho barato do dia anterior me lembrou disso. Mostrou que a diferença entre ele e um mais caro não era só o sabor e o aroma. Pelo menos nenhum caco de vidro tinha descido pela minha garganta, além do sapo. Esse eu engoli.

Apesar de tudo, eu estava de bom humor e com vontade de bajular minha garota. Resolvi fazer um café da manhã e servi-la na cama.

– Bom-dia!

– Oi. Que horas são?

– Acho que meio-dia mais ou menos. Tá uma puta chuva lá fora.

– Tudo bem, hoje estou a fim de ficar em casa mesmo, descansando. À noite vamos jantar na casa dos meus pais, tá?

– Tá. Se cansou muito ontem?

– Não começa, vai. – respondeu, saindo debaixo dos lençóis, nua. Ela exalava um perfume delicioso que misturava uma lembrança do perfume francês da Cris, o cheiro gostoso e morno de sono e o perfume natural da sua pele branca. Aquele aroma e aquela visão me deixavam meio tonto de prazer.

– Não comecei. Só perguntei por perguntar, sem maldade. Responde, estou curioso. Não quero briga não, eu te amo acima dessas coisas, apenas quero participar da sua vida. Talvez seja uma boa hora pra recomeçarmos, não acha?

– Talvez seja mesmo, assim que eu acordar. – disse, mordendo um pedaço de bolo de laranja.

– Então... vamos conversar, menina. Acho que precisamos mesmo.

– O que você quer saber, menino?

– Quero saber quem é você.

– Simples assim, Aldo? Se você descobrir me conta, tá? Seria uma ajuda incrível além de uma economia com analista ótima. Aahahah.

- Ahahahah! Mmmm... Pô, não quero rir agora.
- Quer saber sobre eu e a Cris, não é?
- Claro.
- Olha Aldo, não tem nada de mais. Nós somos amigas há muito tempo, como você sabe. E quando éramos adolescentes rolou uma loucura que se repetiu por outras vezes, mas foi só.
- Loucura. Essa é a palavra. Ela é louca por você, Júlia. Admita. Minha dúvida é só se a recíproca é verdadeira.
- Vamos por partes. Eu não quero ser namorada da Cris, não quero casar com ela e viver o resto da minha vida ao lado dela. Apenas gosto muito dela de várias maneiras. Ela me faz bem. Um bem danado. Mas, não posso responder por ela. Ela diz que me adora e tal. Mas eu nunca soube o limite verdadeiro disso. Acho que ela gosta muito de mim, sim.
- Júlia, chega de matemática, me diz o que você sente, não o que você gostaria que fosse verdade. Você é apaixonada por ela também. Vejo nos seus olhos.
- Para com isso. Não quero continuar esse papo. Chega.
- Não chega não. Temos que falar. Eu não aguento mais isso. Esse vácuo entre nós.
- É, você tem razão, chega de mentiras. Quer saber? Não tem mais por que esconder isso de você nem de mim mesma. Estou ficando maluca com isso também – Disse, com raiva e começando a chorar.
- Putz... tem momentos em que a pior coisa é ter razão. Eu estava certo então. Vocês têm um caso desde a época que você namorava o Júnior?
- Não chega a ser “um caso”, Aldo. Transamos pela primeira vez um dia depois que ela transou com você, depois mais algumas vezes, depois perdemos o contato por alguns anos e há um tempo a gente voltou a se encontrar. – Falou, enxugando as lágrimas.
- Ah, ela te contou que transei com ela?
- Detalhadamente.
- Pensei que tinha sido tão insignificante para ela que nem isso ela tinha feito. – Fiquei muito feliz com essa revelação, mas disfarcei.
- Contou, sim. E fez de um jeito tão gostoso que pela primeira vez na vida senti tesão. Aí ela percebeu isso e acabamos na cama por uma tarde inteira. Depois disso eu pedi pra ela não sair mais com você. No final das contas, eu terminei aquele namoro besta com o Júnior depois disso. Eu estava apaixonada por você e a Cris apare-

ceu para me consolar. Aí troquei de paixão.

– Mas por que você não veio falar comigo? Eu era louco por você!

– Eu nunca daria o braço a torcer. Principalmente depois daquele dia em que você disse que não tinha de dar satisfação da sua vida pra mim. Aquilo me marcou, seu viado. E você também tinha se tornado amigo demais do Júnior. Isso acabaria com a banda de vocês. Eu tinha motivo de sobra pra não te procurar, isso sem falar na minha timidez. A culpa foi sua. Você deveria ter tomado uma atitude de homem. A Cris parecia que tinha mais testosterona que você. Ahahahah.

– Ahahah. Eu era uma besta mesmo. Eu também acho que isso acabaria com a banda. Você está coberta de razão e descoberta de roupas. Você é linda. Às vezes me esqueço.

– Pára, bobo! Estamos falando sério e você quer pular em cima de mim.

– Vou tentar me concentrar, mas se cobre com o lençol, senão não dá.

– Sabe... desenterrar essas coisas não sei se ajuda, mas quero te contar uma coisa... O Júnior... eu... nós nunca transamos. – continuou sem se cobrir.

– Quê? Mas vocês namoraram mais de um ano!

– É, mas ele não conseguia. Toda vez que ia acontecer ele broxava.

– Ele comentou algo sobre isso comigo na época.

– Ele simplesmente ficava muito ansioso, tenso, e não rolava. Acho que por isso que ele bebia tanto quando a gente estava junto. Assim ele acabava com a noite antes de começar, sabe?

– Sei... e você aguentou isso tanto tempo?

– Eu era virgem. Nem me importava tanto em ficar sem sexo. Não sentia desejo por ele. Eu achava que o problema era eu. Aí você ficou com a Cris... vocês pareciam pegar fogo. Morri de inveja. Eu estava com a auto-estima no chão quando ela se aproximou de mim.

– Ela me usou para fazer ciúme para você! Agora as coisas se encaixam. Desculpe o trocadilho, heheheh.

– Você não para com essas piadas? É, aí a gente se encaixou mesmo. Ahahahah.

– Aldo, sai de cima de mim, por favor?

– Ahahah! Nossa, cheguei aqui sem perceber. Tanto tempo pra eu entender por que a Cris sumiu no dia seguinte.

– É tão importante para você ter descoberto isso agora?

– De certa maneira, sim, porque aquilo podia ter me magoado. Você não sabe o que é ter uma noite com a Cris e depois não poder ter mais.

Silêncio.

– Ah, desculpa. Sabe, sim. Mas não é só isso... é importante saber também o motivo de você ter tentado me manter afastado dela todo o tempo. Foi ciúme. De mim e dela. Duplamente ciúme.

– É, friamente analisando, é isso mesmo. Me desculpe, foi inconsciente. Quando a gente se reencontrou já imaginei você revendo a Cris e os dois me deixando de lado.

– Eu não trocava você assim tão fácil.

– Nós dois já transamos com a Cris, então não vamos usar de eufemismos nesse papo franco, certo? Ela transa como uma fada, é uma mulher inteligente, linda... ser trocado por ela é uma coisa a que qualquer ser humano está sujeito. E seria compreensível.

– Pode ser... realmente ela é boa nisso.

– Você está apaixonado por ela também?

– Não diria apaixonado, porque tenho você. Mas tenho tesão por ela, sim, claro. Tesão represado por sei lá quantos anos.

– Por que você está chorando de novo? Não faz isso...

– Não é nada, falar dessas coisas mexeu comigo. Já passou. Que tal a gente ir com ela até o Épico tomar umas cervejas hoje? Podemos falar do assunto. Colocar na mesa a crise do trio. Moderno demais?

– Eu acho interessante. Gostamos do Woody Allen, podemos fingir estar num filme dele.

– Como você fala besteira...

– Combinado. Depois do jantar nos seus pais, então. Agora vou até o parque dar uma corrida. Quer vir?

– Dar uma corrida, você? Ahahaha. Não, vou dormir mais um pouco. Boa sorte.

Peguei o Maverick e me mandei, convicto de que faria uma bela caminhada. Acabei fumando na beira do lago depois de alguns passos, como de costume. Enquanto eu jogava pedras para ouvir o barulho delas batendo na água, pensei sobre meu futuro. Um episódio egoísta.

Eu queria saber se eu queria mesmo continuar com a Júlia ou se eu preferia partir pra uma tentativa de conquista da Cris. Eu estava pensando com a cabeça de baixo, logo notei. Porque, quando isso acontece, as conclusões sempre pendem a favor da mulher que você não tem nos braços.

Achei que a questão, na verdade, era outra. Era sobre planejamento a longo prazo. Como eu queria que minha vida estivesse dali a 10 anos? Era isso. Ao menos eu

sabia a pergunta certa.

Joguei mais uma pedra no lago, um mergulhão se assustou, enfiou-se na água, desaparecendo por completo e me surpreendi ao vê-lo vir à tona muito longe de onde havia mergulhado. Era isso que eu precisava fazer. Eu precisava mergulhar de cabeça numa tentativa, mas antes, precisava escolher o peixe que eu queria pescar.

Voltei para casa e encontrei a Júlia dormindo. Me aninhei na cama e dormi também.

O jantar na casa dos pais da Júlia foi uma bosta, como sempre, mas dessa vez ela me deixou bater um papo longo com o sogrão. Falamos sobre música o tempo todo. Foi bem agradável, mas a minha cabeça estava na Cris e a Júlia parecia estar ansiosa também.

Num momento a sós, o sr. Walter me fez uma pergunta estranha.

– Aldo, você ama minha filha?

– ã? Claro!

– Não, estou dizendo pra valer. O bastante para encarar a vida com ela, ficar velho ao lado dela, me dar netos... Não estou te colocando na perede, mas é uma coisa que é importante pra mim.

– Olha, seu Walter, sei que posso ser sincero com o senhor e sei que se preocupar com uma filha é natural. Por acaso, essa é uma questão que vem me cercando, mas eu nunca pensei nisso seriamente e nunca conversamos a respeito.

– Vou te contar uma coisa. O casamento pode transformar a melhor das pessoas numa chata-de-galocha. Mas, se você souber ser feliz, isso não importa. Vale a pena. Eu acho que a Jú quer isso. Ela procura isso desde criança. Pense no assunto por mim, porque eu iria detestar ter um cara que não conhece o Eric Clapton na família, o.k.?

– Aahahaha.

– Também não sei se eu me acostumaria com um genro mulher.

Meu sorriso derreteu. Devo ter perdido a cor, por que senti descer rios de sangue da minha cabeça em direção ao pé.

– Como?

– Aquela Cris não larga do Pé da Júlia. Nunca a vi com um namorado, ou falando sobre meninos. O jeito dela se vestir, andar... Não sei não, mas eu apostaria que ela não gosta de homem.

– Ahahah... acho que não tem nada a ver não. Elas são muito amigas – Menti.

– Eu tenho bom “feeling” pra essas coisas. Sério. Mas não importa. A verdade é

que eu gosto de você, acho que ela será muito feliz ao seu lado. Ela é uma garota sensacional, você sabe. Não vá perdê-la.

– Tá certo.

– Vamos? – gritou Júlia, já perto da porta de saída.

Nos despedimos e, já no Maverick, ligamos para a Cris, avisando que estávamos passando para pegá-la.

– Cris? Oi, já está pronta? Podemos passar pra te pegar?

–...

– Tá, chegamos em 15 minutos. Beijo. – desligou e se dirigiu a mim, sorrindo. Ela estava ruborizada.

– Ela disse pra gente subir um pouco pra tomarmos um vinho antes de sairmos.

– Por mim tudo bem.

Ficamos em silêncio o resto do caminho, escutando Joss Stone, que a Júlia adorava e eu também.

Parei o carro no mesmo lugar onde eu havia passado a noite anterior. Pisei nos cacos de gargalo de garrafa que ainda estavam no chão.

Entramos no elevador e não resistimos a trocar uns beijos ardentes. Eu estava excitadíssimo.

Toquei a campainha e a Cris logo abriu a porta. Ela estava linda, de caça Jeans e camiseta, mas tinha passado um batom vermelho, coisa que ela não costumava fazer.

O som ao fundo era Miles Davis.

Nos sentamos na ampla sala enquanto eu abria uma garrafa de vinho e começamos a falar sobre banalidades. Ninguém tinha coragem de tocar no assunto.

– Cris, você está linda! Eu disse, para quebrar o gelo.

– Para vai. Tô como sempre.

– Foi isso que eu quis dizer.

– Ahahahah, você quer dizer que ela está gostosa. Gargalhou Júlia dando um ar de “hoje pode tudo” na conversa.

– É, hoje vocês estão uma delícia mesmo.

– Onde vamos então? Perguntou Cris.

– Vamos no Épico? O Aldo adora aquele lugar.

– Boa idéia. Vamos no Maverick?

O bar estava lotado. Conseguimos nos espremer no balcão depois de meia hora tomando cerveja na porta.

Pedimos tequila, mais tequila, mais uma... uma hora depois estávamos completa-

mente bêbados.

– Vou até o banheiro – Júlia disse já saindo.

– Aldo, como você está? Digo, em relação às recentes revelações.

– Tô tranquilo, Cris. Sem problema.

– Você não se abre nunca?

– É um assunto delicado. Confesso que desta vez estou meio perdido.

– Tudo vai se resolver. De um jeito ou de outro.

– Grande conclusão. Ahahahah.

– Sabe, tenho vontade de entrar na sua cabeça às vezes.

– Pra que? Pra rir das minhas filosofias baratas?

– Não cara, eu acho você um cara muito bacana, na verdade.

– Porra, me trata com casca e tudo por que então?

– Por causa da Júlia. Ela têm ciúme de nós e eu tenho ciúme dela. Você tem ciúme de mim. Uma bagunça. Como fui me meter nisso?

– Vamos esquecer esses sentimentos. Eu vou fazer de tudo pra comer vocês duas hoje.

– Aahahah. Posso te dizer que as chances são boas, basta não fazer nenhuma besteira.

– Qual é o papo? – Perguntou Júlia já de volta e se ajeitando entre mim e a Cris.

– Eu disse que quero transar com vocês duas hoje.

– Cara de pau! Ahahahah.

– Vamos pra minha casa acabar com aquele vinho? – Disparou Cris.

– Vamos – Disse Júlia rapidamente.

No caminho a conversa estava super animada e o som bem alto rolando um CD da Macy Gray. Cris que estava no banco da frente levantou e passou para trás pulando em cima da Júlia. Eu tremi.

Quando olhei pelo retrovisor as duas estavam brincando como crianças. A Cris estava tentando despentear a Júlia, que se defendia enquanto tinha um ataque de riso. Isso até que se beijaram.

Não consegui acompanhar a coisa toda, pois se o fizesse, acertaria um poste, mas alguns flashes estão guardados na minha memória até hoje.

Vi um drive-in no caminho e resolvi entrar. Eu não conseguia esperar até chegarmos no apartamento.

Elas nem deram atenção para isso. Continuaram a se agarrar enquanto eu coloquei o carro no box e desci para fechar as cortinas.

Voltei para o carro e de joelhos, de costas para o para-brisas, fiquei admirando a cena.

Cris começou a puxar a alça da camiseta sem manga da Júlia, que estava sem soutien. Assim que auréola do seu lindo peito ficou à mostra, Cris começou a lambê-lo carinhosamente, ao mesmo tempo que tirava o seu Jeans.

Quando já estavam as duas seminuas resolvi entrar na brincadeira. Comecei fazendo um papel auxiliar, tirando o restante da roupa das duas, acariciando as pernas da Cris, beijando a Júlia. Depois tirei a minha roupa também e, enquanto a Cris, de quatro, dava um beijo louco entre as pernas da Júlia eu coloquei vagorosamente o meu membro quase explodindo de tesão dentro da Cris. Foi o momento mais alucinante da minha vida.

Uma hora depois de muita transa, quando os ânimos estavam mais sob controle, já estávamos a caminho do apartamento da Cris, que convidou a gente para subir e continuar a festinha particular.

Acabamos com a última das quatro garrafas de vinho, com nossas energias e dormimos juntos, na mesma cama. E conversamos também. Só um pouquinho.

– Meninas, vocês estão felizes?

– Aldo, não começa. Agora não dá.

– É, amanhã você teoriza isso, tá?

Que inferno. Quem elas pensam que são? Será que acham que eu só falo merda? Eu devo ser um merda mesmo.

Assim que pegaram no sono me vesti e fui embora rapidamente, sem me despedir. Como se a luz da manhã pudesse revelar ao mundo aquela situação absurda. Eu queria deixar as duas sozinhas. Eu me sentia meio intruso ali. Achei que era hora da Júlia tomar uma decisão.

Eu estava muito a fim de dirigir, pegar uma estrada sem rumo para pensar, mas isso não fez diferença, porque o Maverick não pegou e tive que tomar um táxi após pegar um CD que estava no porta-luvas.

– Pra onde?

– Toca pra Vila Mariana, por favor.

– Acho que conheço o senhor... aeroporto, lembra? E o seu cigarro está apagado na boca novamente.

– Faz um favor?

– O senhor é quem manda, doutor.

– Põe esse CD aqui pra rolar e me deixa pensar?

- Ei! Esse CD eu conheço. Adoro Beach Boys!
- Cara, você conhece rock. Então põe ai na faixa “God Only Knows” por favor.
- Opa, é pra já. Velhos tempos... essa música me fazia chorar.
- Ainda me faz. Mas não hoje.

Pra onde a porra da minha vida estava me levando? Eu não aguentava mais. Tem gente que chama isso de “crise dos quarenta”. Eu chamo de “vida de merda”. Não aguentava mais me sentir um nada. A vida que eu levava me tratava como me senti na cama com a Júlia e a Cris: um plus para diversão descartável. Um cara que era bom de fazer a galera rir, um bobo da corte fracassado, sem grana, sem responsabilidades, sem conquistas, sem maturidade.

Eu não me sentia nem no direito de entrar em depressão.

- Por favor motorista, para o carro.
- Aqui?
- É. Para ai em qualquer lugar.
- Tá bom.

Sai do taxi para caminhar um pouco sob o céu estrelado. Foi uma noite incrível, mas ao mesmo tempo, pra mim, tinha sido um “sai pra lá” da Júlia e da Cris.

Minha vontade era desaparecer do mapa. Mandar a Júlia tomar no cu, meter uma pedra na vidraça da Cris, queimar todos os meus Cds, jogar minhas guitarras pela janela e virar um mendigo barbudo com um cachorro companheiro.

Eu estava cansado, cansado, muito cansado de tudo.

Capítulo 12

A vida é assim. Quem diria. Depois daquele primeiro show na escola um cara ligou na minha casa. Foi uma ligação inusitada.

– Alô, eu gostaria de falar com o Aldo, por favor.

Era uma voz grave.

– É ele.

– Aqui quem está falando é Jorge Oliveira, você não me conhece. Sou o pai da Cris, que estuda com você.

Gelei, dos meus fios de cabelo até o cordão do tênis adidas roma que eu não tirava do pé.

Será que ele tinha visto a pegação na escada da casa dele? Será que a Cris contou alguma coisa? Que raio teria acontecido? Tem meninas que parecem modernas, mas que no fundo são as filhinhas do papai... Podia ser o caso.

– Oi, seu Jorge, tudo bem? – Minha voz devia estar tremendo, mas não me lembro direito por causa do estresse.

– Resolvi ligar para você porque eu andei falando com a Cris e ela me contou...

Nesse ponto da frase meu coração parou, tive um derrame e quase vomitei. Mas ainda estava vivo.

–... que você e sua banda fizeram um show na escola. Eu não sei se você sabe, mas eu tenho um selo fonográfico.

– ã? Não, não sabia...

– Pois é. Eu queria ver vocês tocando um dia. A Cris disse que vocês arrebentaram e insistiu comigo. Será que tem como?

– Tem, sim, seu Jorge.

– Me chama de Joca. Tenho só 40 anos ainda, ahahahah.

– Ah, tá, seu Joca. A gente vai fazer um show semana que vem no Selo Barra Bar. O Júnior conseguiu uma terça-feira lá pra gente.

– Nossa! No Selo Barra Bar? O Túlio é rápido mesmo, hein!

– Túlio?

– Sim, o meu sócio no bar, ahahahah. Esse bar chama-se Selo Barra Bar porque eu e o Túlio somos sócios no bar e no selo. A Cris deve ter falado com ele também.

– Agora entendi. O Júnior me disse que ele tinha visto a gente tocar na escola. Ele tinha ido para dar uma carona para a Cris e acabou ficando.

– Provavelmente foi isso sim.

– Foi.

– Voltando ao assunto. Eu vejo vocês tocarem terça-feira que vem no bar então.

– O.k., combinado.

Desliguei o telefone e não conseguia comemorar, porque o susto tinha sido maior, e descobrir que o pai da Cris tinha um selo, era incrível. Seu Joca, que engraçado.

Primeiro esperei baixar o batimento cardíaco e depois liguei para todos da banda avisando as boas novas e marcando ensaios extras. Teríamos de ser impecáveis na apresentação.

Foi nesses ensaios que o Júnior e o Lau começaram a entrar de cabeça nas drogas. Como para o Júnior a grana nunca faltou, a cocaína passou a fazer parte da rotina da banda. Aquela droga parecia tão boa que me dava medo. Eu sabia que, se um dia eu experimentasse aquele mundo tecnicolor, eu jamais sairia dele. E esse medo me salvou. Meu nariz nunca tocou aquele pozinho mágico.

Ensaíamos à exaustão durante uma semana inteira na casa do Lau. Os vizinhos quase enlouqueceram, mas os filhos deles normalmente pediam para nos assistir. Aceitávamos felizes. Eu já me sentia famoso.

No dia fatídico fomos conhecer o bar, logo após o almoço. O Zappa passou de Opalão para pegar todos, mais os equipamentos.

Fomos quietos no caminho, a ansiedade era grande.

O lugar impressionou a todos. Era muito para ser verdade.

– Putamerda. Isso aqui é ducaralho. – disse Lau, arregalando os olhos.

– É, pessoal, a gente merece. – Júnior emendou, com sua arrogância.

Começamos a montagem, que tomaria bastante tempo.

Enquanto eu desenrolava os cabos, fios elétricos e checava as ligações, a Júlia veio no meu pensamento.

– Júnior, e a Júlia, tá bem?

– Não sei, cara.

– Como assim?

- A gente terminou. Não rolou.
- Ah, não é possível. Tava tudo tão bem. Quer fumar um cigarro?
- Dá aí.
- Então... o quê que aconteceu?
- Nada de mais. Sei lá. Dei um pé na bunda dela porque a menina é uma morta, cara. Sei lá, mas acho que ela é virgem.
- Virgem? Mas vocês namoraram um tempão.
- Pra você ver. Eu não aguentava mais comer puta porque não conseguia comer minha própria namorada. Ela é tão cheia de frescura que eu broxava.
- Frescura?
- É. Tive até que falar pra ela que o problema era eu. Mas o que me broxava era uns lances que ela falava. Que não tinha tesão, pode?
- Vixe!
- É. Não tinha tesão. Dizia que achava que tinha algum problema porque não tinha vontade de dar e blá, blá, blá. Cheguei a achar que ela curte mulher.
- Quê?! Como assim, meu? O que fez você pensar isso?
- Ah, não tem tesão, ué. Eu lá fazendo de tudo e a mina gelada. E eu broxa. Aí um dia eu disse pra ela que ela devia gostar de mulher. Aí ela me deu um tapa na cara e começou a chorar. Fodeu de vez tudo. Cansei. Depois desse dia, a gente não se falou mais.
- Que mau.
- Quer saber? Foda-se. Vamos arreventar esse bar hoje e se eu der sorte arrumo uma namorada nova.
- Tá.

Eu me contive, mas estava soltando fogos de artifício por dentro. Podia ser a minha chance, a minha vez. Júlia nos meus braços. Eu não acreditava nessa história do Júnior. Pra mim aquele namoro tinha sido um fracasso por algum outro motivo qualquer.

Eu mal conseguia me concentrar nos afazeres pré-show.

Depois de tudo arrumado, apesar da minha desatenção, passamos o som e o Júnior, para variar, pediu pra gente tocar uma música que não estava no set-list, apesar de termos ensaiado muitas vezes. “Angie”, dos Rolling Stones.

Uma balada linda, e o jeito que o Júnior cantou emocionou até o barman que estava lavando uns copos no balcão. Foi realmente muito bom. Acho que ali ele botou pra fora a última gota do que sobrou da Júlia dentro dele.

Eu continuei muito feliz.

Voltamos cada um para sua casa para tomarmos um banho e nos prepararmos para a batalha.

Como tudo até então estava bem, minha mente me levou por caminhos otimistas. Fiquei imaginando o show perfeito, um contrato na nossa mão assinado pelo Seu Joca e Seu Túlio.

O tempo passou voando e cheguei de volta no bar depois que todos já estavam lá.

O seu Joca foi o primeiro a me cumprimentar. O bar estava vazio e permaneceria assim por toda a noite, salvo duas ou três mesas com pessoas que não estavam ali para ouvir uma banda cover de adolescentes.

Subimos no palco e, sem nos importar com a platéia-piada, demos o nosso recado.

Tudo foi perfeito. Tocamos bem, como sempre. Quinze músicas sem parar.

O seu Joca parecia ter gostado muito. Logo que acabamos, nos chamou para sentar à mesa com ele.

– Ei, molecada, vocês são bons. Podem tocar aqui de vez em quando se quiserem. Vou arrumar um dia melhor. Que tal uma quinta-feira? É um dia lotado.

– Legal! Topamos, sim. – foi logo dizendo Júnior, que estava bêbado, cheirado e marijuanado.

– O.k. Então vamos comemorar!

Como comemorar? Pensei. E o selo? Um álbum, vida de rock star, etc.?

– Seu Joca, será que a gente tem chance com seu selo?

– Ah, Aldo, você tocou no assunto antes de mim. Seguinte, notei que vocês não tocaram nenhuma composição original, música de vocês, certo?

– Certo.

– Já viu, hoje em dia alguém lançar banda de covers? Não existe.

– Putamerda! Como não pensei nisso. Sou uma besta.

– Então, só poderei responder a sua pergunta quando tiverem o que mostrar, o.k.?
Vocês têm tempo pela frente, não se afobem.

– Claro. – respondeu Júnior.

Eu estava me sentindo um idiota. Uma criança brincando de tocar. Um moleque otimista que vivia no país das maravilhas.

Resolvi beber até esquecer aquela situação constrangedora. O resultado foi glicose na veia pela primeira vez.

O teto do hospital girando, o estômago virando do avesso e as risadas do Júnior

ao fundo. É disso que me lembro.

No dia seguinte, comecei a compor. Durante seis meses eu e o Júnior fumamos muita maconha, escrevemos letras, inventamos riffs e copiamos harmonias dos nossos heróis. Todos dias depois da escola.

– Aldo, e se a gente não conseguir o contrato?

– Ué, cadê aquele seu otimismo irritante?

– Sei lá meu, mas isso é uma coisa que eu quero muito. Precisamos ter um plano B. Meu pai é um cara bem rico, tem muitas empresas, como você sabe. Se precisar, ele banca nosso álbum. Ele vive dizendo que eu preciso de um trabalho e tal.

– Você viaja, Júnior. A gente não sabe nada de negócios, cara. Que adianta ter um disco gravado sem saber o que fazer com ele depois? Volta pra terra. Tá fumando muita maconha.

– É, pode ser ahahah.

Uma coisa determinante na minha inspiração nesse período foi a ausência da Júlia, apesar da nossa proximidade física. Continuávamos estudando na mesma classe. Nessa época, ela nunca se aproximou de mim e nem eu dela a não ser em papos rápidos e insignificantes. Fora ela, ainda tinha a Cris, que me ignorava completamente, parecia que fugia de mim apesar de eu ter contato com o pai dela todas as quintas à noite. Ela nunca foi assistir o Tobogã no Palco Barra Bar, nem a Júlia. Eu nunca engoli essa desfeita e isso nos afastou ainda mais.

Tínhamos então, ao final dessa maratona de composição, cinco músicas que teriam de ser arranjadas pela banda toda junta. Mais três meses de preparação, erva e cocaína.

Nesse meio tempo um dia me marcou muito. Era meu 17º aniversário e meu pai, um homem muito religioso e atarefado com encontros sociais da igreja e que, ultimamente, andava muito preocupado com minha nova vida maluca, chegou em casa com um presente.

Pelo formato da caixa eu já sabia. Era uma guitarra nova. Tudo que eu queria.

Ele me entregou aquilo e, olhando nos meus olhos, disse:

– Filho, espero que você use esse instrumento para o bem. Para Deus.

Na minha cabeça torta eu fazia exatamente aquilo. Deus para mim era a felicidade, a bondade, a natureza. E eu me sentia muito feliz tocando rock'n'roll. Se meu pai soubesse que aquele pedido, na interpretação dele, seria algo totalmente impossível, talvez não me tivesse presenteado. A igreja nunca ouviria o timbre daquela Les Paul Gibson, claro.

Eu chorei de emoção. Dei um abraço bem apertado no meu pai, meio que pedindo desculpas.

Nessa noite eu não dormi. Passei horas a fio dedilhando aquela maravilha desligada.

Mal sabia eu que aquele dia tinha sido o meu ápice em remuneração musical.

As composições renderam apenas elogios e o esperado contrato com o selo fonográfico ficou na ilusão. Um infarto tinha levado para debaixo da terra ele, o seu Joca, e o meu otimismo. O seu Túlio nunca se interessou em gravar o Tobogã, achava o som pesado demais, pouco pop. Ele andava mais preocupado com o bar, no qual continuamos tocando por muito tempo, do que com o selo.

Até então eu era um adolescente cheio de sonhos e achava que, se minha vida musical estava ainda dentro do ovo, ela poderia crescer, aparecer e acontecer de fato. Mas hoje vejo que, como tudo na minha vida, aquilo era pura fantasia. Será que eu não me esforcei o suficiente? Será que eu não fui perseverante o bastante? Essas perguntas passaram a ecoar na minha mente desde então e um sentimento de culpa pelos meus insucessos, sim, nasceu, cresceu e ficou bem grande e saudável.

Acredito que o melhor que uma pessoa pode ter, para obter vitória em suas batalhas, seja a capacidade de enxergar seus erros. Assim ele pode levantar, começar de novo e, dessa vez, não cometer as mesmas idiotices. Esse é o meu problema, talvez. Eu não enxergo. Acho que fiz tudo certo. Chego a pensar que o destino não me deixaria chegar ao alvo desejado de maneira triunfal nunca, por mais que eu trilhasse os caminhos certos, da maneira correta. Talvez o nome disso seja também falta de sorte.

O que é a sorte? É possível atraí-la de alguma maneira ou é uma coisa aleatória que, como numa roleta de cassino, pode parar no seu número? Acho que não. Prefiro acreditar que existe um destino a ser cumprido e que, se você não saca qual é esse destino e não se dedica a ele, você será um azarado. Será como um alpinista que escolhe o pior caminho para chegar ao cume da montanha sem consciência disso e, por conta disso, está fadado à morte durante a tentativa ou à resignação e mediocridade absolutas.

O que sobrou foi o meu talento para escrever e para tocar guitarra. Pensei que talvez um dia eu pudesse usar isso pra alguma coisa útil. Mas será que era meu destino? Qual era o meu maldito destino? Como eu iria escolher o caminho fácil para subir a montanha, se eu não enxergava nem a montanha?

Talvez a montanha fosse a resignação e a mediocridade. Muito parecido com a vida de um boi que nasce confinado e assim permanece até a hora da morte. Se

fosse isso, pelo menos eu sabia que encontraria uma porrada de gente no caminho. Poderia até montar um timinho dos escaladores fodidos. Uma fazenda de bois gordos conformados.

Dizem também que a felicidade é relativa. Isso é, se você é o mais rico e poderoso do seu timinho, da manada de medíocres, você pode ser feliz. Essa explicação para o conceito “felicidade”, pra mim, foi inventado por um por algum índio. Ou você mora numa aldeia isolada do mundo, ou sucesso pra você que é bem informado, sempre será conquistar o mundo.

Tomara que depois dessa vida realmente haja uma outra. Um lugar onde você possa bater papo com algum manda-chuva e perguntar:

– Tava tirando um sarro da minha cara ou rola um big brother celestial lá na terra? Eu tava no inferno? Vai chegar minha vez de subir no lugar mais alto do pódium? Eu vou voltar? Cadê a montanha!?

Existe uma crença na qual meu pai tem fé e que foi ensinada a mim. A de que existe uma predestinação. Assim que você nasce a sua história já está toda escrita. Quando ele me disse isso, eu pensei, “Fodeu!”, não há o que eu possa fazer, sou uma marionete. Tentei, então, não acreditar naquilo e torcer pra que meu pai estivesse completamente equivocado. Porém, isso vem sempre nos meus pensamentos quando acontece algo errado. Nessa hora eu viro um cristão instantaneamente e rezo, rezo pra que meu pai esteja errado.

Capítulo 13

Não dormi hoje. A insônia me pegou de novo. Desde a noite “a trois”, há mais de uma semana atrás, que eu não dormia mais direito. A consequência estava sendo muito pior que o prazer. A ausência da Júlia me consumia.

Tomei um banho, ouvi música até amanhecer, coloquei um jogging e fui até o parque. O dia estava chuvoso e frio. Desta vez eu resolvi parar de boicotar minhas intenções de virar um esportista. Caminhei por horas embaixo da chuva fina e fria. Cada passo que eu dava parecia purgar meus erros, minhas escolhas erradas. Foi quase uma penitência. Eu queria fingir que não, mas eu sabia que aquela noite tinha sido o fim da história “eu e Júlia”.

Estar chovendo era legal, porque eu estava chorando e assim, ninguém via as minhas lágrimas. Eu nem as sentia descendo pelo meu rosto.

Minha vida estava prestes a mudar de novo, e isso estava me deixando desesperado. Como seria sem a Júlia de novo? E sem a Cris? Eu estava me sentindo completamente só.

Passei em frente ao local das mesas de jogos e notei que um dos velhinhos que sempre jogavam dominó estava sozinho, no lugar de costume. Parei ofegante ao lado dele para descansar sob um teto e fumar um cigarro. Ofereci um. Ele aceitou e deu uma risada.

– Faz 30 anos que parei de fumar essa merda. Pra quê? Empresta o isqueiro por favor.

– Não faça isso, senhor. Pra quê? – Puxei conversa.

– Se você me der um bom motivo, juro que não acendo.

– Sua saúde. Tem motivo melhor que esse?

O velho segurou o isqueiro com a mão trêmula, colocou o cigarro na boca, acendeu e desandou a falar.

– Filho, essa vida passa bem rápido. Parece que foi ontem que eu me casei. No

entanto, faz mais de cinquenta anos. Tenho meus filhos, meus netos e até um bisneto. Todos eles estão vivendo suas vidinhas e me tratam muito bem. Isso não adianta. Tudo que fazia parte da minha vida, só da minha vida, se foi. Não sou amargurado, não. Acho que vivi uma boa vida, mas eu não sabia que passaria tão rápido. É verdade, viu, amigo, daqui à pouco será você com quase oitenta anos. Rápido mesmo. E se você der sorte, duas gerações depois da sua ainda lembrarão que você existiu, mas isso não acontecerá da terceira em diante. Você será nada, a não ser que você seja um personagem histórico, importante, marcante. Do contrário, amigo, sua passagem por aqui terá tido a mesma importância que a de uma mosca: nasceu, cresceu, reproduziu e morreu. Por isso, não me venha dizer que não posso fumar um cigarro por causa da minha saúde. Não faz a mínima diferença morrer agora ou daqui a cinco anos. Não dá mais tempo pra eu me tornar alguém que valha a pena se lembrar. Desculpe o desabafo, é que se não falar com estranhos, a coisa fica encruada. Ah ah ah.

Eu disse até logo, ele balançou a cabeça num gesto positivo e acenou mostrando a palma da sua mão enrugada.

Entreí no carro e acelerei para a casa da Cris. Parei no mesmo lugar de sempre para ver se eu dava a sorte de ver alguém na janela. Nada, nem vultos.

Tentei ligar o carro... nada. De novo... nada. Carro filho da puta!

Enquanto eu chamava o guincho, pensava na possibilidade de a Júlia me ver ali e descer ao meu encontro, mas minha esperança era falsa, eu estava fingindo pra mim mesmo, e isso acabou não acontecendo, claro.

Enquanto o carro estava sendo guinchado, pedi para o mecânico, conhecido meu de longa data, que tentasse vendê-lo. Se ele conseguisse, ganharia uma boa comissão. Foi uma atitude impulsiva num momento de raiva. Eu achei que fazendo aquilo estaria me livrando de um encosto.

Voltei para casa, de táxi, e fiz um misto-quento.

Sentado no meu sofá de couro marrom, assisti a muitos filmes da TV a cabo, nos quais mal prestei atenção e, entre os montes de cigarros que fumei, cochilei algumas vezes.

Às quatro da manhã me dei conta de que eu estava deprimido e insone de novo. Agora era fato que a Júlia não voltaria, a não ser para pegar as suas roupas e CDs, a Cris sumiria novamente da minha vida e meu Maverick se tornaria um ícone do meu passado. Coloquei "All Things Must Pass" do George Harrison no "repeat" do som.

– Um profeta, esse cara!

Olhei para o criado-mudo e, ao lado do relógio do Mickey estava uma caixa quase cheia de comprimidos tarja-preta que a Júlia havia deixado. Pensei em tomar todos. Fui até a cozinha, tropecei no degrau, peguei um copo d'água.

Tomei um.

Apaguei a luz, deitei e dormi como um bebê.

Capítulo 14

O relógio do Mickey marcava 8h45. Acordei com saudade. Saudade de mim mesmo. Do tempo em que eu encarei meus medos e venci. Do tempo em que eu peguei a rotina à unha e mudei meu destino.

Coloquei um vinil antigo “Fullfillingness’ First Finale” do Stevie Wonder para rolar e a música “Smile Please”, que introduz o álbum, soou como nunca.

Tomei um banho e parecia que eu ia descer pelo ralo. Eu estava no fundo do poço.

Eu não acredito em predestinação. Que raio de pessoa pode estar predestinado a nada? A uma vida sem sal, inútil e sem sucesso? Não é possível!

Era hora de recomeçar e não ia adiantar apenas trocar a cor do cabelo.

Eu precisava de mudança radical.

Eu ainda saberia fazer isso bem.

Eu só precisava dar alguns telefonemas.

– Alô.

– Oi Jú, quero falar com você hoje. Pode tomar café comigo?

– Ai Aldo não sei se dá... Tenho uma reunião agora de manhã.

– É importante.

– Que tom de voz mais sério... Aconteceu alguma coisa?

– Além de você ter sumido? Não. Mas preciso falar com você agora.

– Você tem razão. Onde?

– Te encontro na padaria do Emílio em uma hora, tá?

– Alô.

– Oi Júnior, beleza?

– Fala meu. Cedo hein? Caiu da cama?

– Cai. Preciso falar com você.

– Aconteceu alguma coisa? Quem morreu?

- Morreu minha autopiedade.
- Que?
- Nada. Vamos bater um papo hoje?
- Claro. Onde?
- Pode ser no parque da Aclimação, em frente ao lago, perto do portão principal.
- No parque? Você é um cara estranho às vezes. Coisa de bixa. Que horas?
- Às 11h30 mais ou menos.
- Falô. Te vejo lá.

Eu tinha esse velho hábito. Sempre que eu precisava tomar uma decisão importante eu colocava um disco para tocar. Eu achava que isso me ajudava a escolher o caminho certo. Hoje isso estava acontecendo de novo.

Não é tão incrível assim pensar que uma música pode mudar uma vida, talvez seja até obvio. A música nunca foi passiva e muito menos razoável.

Os compositores nunca se responsabilizam pelas idéias que eles incutem em nossas cabeças. Talvez eles devessem.

Peguei o maço de cigarro ainda pela metade que estava em cima da TV, amassei e joguei no lixo.

- Fala seu Emílio!
- Ei Aldinho, tudo bem? Faz tempo que você não aparece!
- Pois é.
- Vai querer um Marlboro?
- Não. Um café.
- Parou?
- Parei.
- Garoto esperto.
- Oi Aldo!
- Oi Júlia, nem vi você chegar. Tudo bem?
- Oi, me atrasei um pouco. Tenho uma reunião daqui a pouco, não posso demorar. Pede um café com leite pra mim? – Disse, friamente.
- Seu Emílio, mais um por favor, com leite.
- Júlia, vou direto ao assunto. Andei pensando na minha vida. Em tudo que passei, o que eu quero pro futuro. O que é importante e o que não é. Cheguei a uma conclusão. Se tem uma coisa que eu quero nessa vida, com certeza, é ficar com você, dividir com você. Estou com medo de te perder, e dessa vez não vou deixar isso acontecer sem tentar de tudo, sem ao menos dizer isso claramente pra você.

– Aldo, acho que você....

– Eu te amo muito. Quer casar comigo?

– Você é maluco mesmo.

– Isso não é novidade.

– Você não sabe o que está falando.

– É a coisa mais séria que falei em toda a minha vida.

– Ai Aldo para de brincadeira, vai.

– Quero me casar com você. E você? Nunca sei o que você pensa. Não tem coragem de dizer que não? Se você não quer, tire essas correntes do meu coração de uma vez por todas. Me deixe livre.

– Aldo, eu te amo, mas agora é tarde demais pra eu lutar contra a minha natureza. Isso acabaria comigo. Eu preciso me respeitar pra ser feliz – Disse, começando a chorar. – Não é um momento bom pra uma decisão dessas. Você tem cada idéia.

– Júlia, se você gosta mesmo de mim, não me procure mais, então. Me dê a chance de encontrar alguém que me ame de verdade. Desapareça, por favor.

Me abraçou e depois olhou o relógio, num movimento rápido.

– Ai meu Deus! Minha reunião! Estou em cima da hora! Tchau Aldo. – Me deu um beijo no rosto, um abraço apertado e saiu correndo, limpando a maquiagem borrada dos olhos com as costas da mão.

– Seu Emílio, me dá um Marlboro?

– Ué, achei que você tivesse parado. Nem tão garoto, nem tão esperto. Caixa ou maço?

– Parei, mas voltei agora. Caixa. Na próxima tentativa compro uns chiclés de nicotina.

– Que merda.

– Até mais, seu Emílio.

Sai caminhando rumo ao parque completamente desligado. Um caminhão quase passou em cima de mim. Isso me fez pensar que aquele papo com a Júlia ainda era melhor do que estar morto. Minha vida estava renascendo e esse parto ia doer pacas, mas não podia me matar.

– Fala meu! Tudo em ordem?

– Tudo.

– Legal esse parque. Nunca vim aqui. Que você tem de tão importante pra falar? Para de viadagem e desembucha.

– Então... Vendi meu carro e estou a fim de sair da agência. Mas antes disso eu

queria ver se você topa uma parada.

– Que parada? O que seu carro e seu emprego têm a ver?

– Tenho uma graninha guardada, mais o valor do carro, mais o valor de venda de uma ou duas guitarras caras, mais o acordo com a agência. Isso dá uns trinta mil dólares. Pensei em montar um selo fonográfico.

– Tá falando sério?

– Tô. Acho que nosso conhecimento a respeito de música pode, afinal, fazer alguma grana além do prazer. Tô a fim de arriscar. Que acha disso?

– Cara, esse é o MEU sonho, você sabe! Nem fodendo que eu ia deixar você roubar ele de mim. Tô dentro, claro. Só precisamos acertar os detalhes.

– Pensei também em falar com o Seu Túlio. Faz tempo que ele saiu dessa, mas ele ainda tem contatos e manja muito desse ramo.

– Perfeito. Boa idéia. Quando começamos o planejamento?

– Agora mesmo. Mas a direção artística é minha.

– Exigência, já? Vai se foder! A grana que você vai botar é uma merreca, quanto tempo acha que um negócio desses vai demorar pra dar retorno? Isso se der... No fim eu é que vou bancar, porra!

– Verdade. A gente vê depois então como faremos.

– Me dá um trago. – Disse, tirando o cigarro da minha boca num gesto rápido.

Depois de algumas horas de conversa com o Júnior ele foi embora e me deixou lá. Fiquei olhando o lago e pensando enquanto esperava o tempo passar.

A vida nunca será completa. Ela é feita de nuances, altos e baixos com os quais tenho de lidar. Isso é óbvio, mas nunca levei muito a sério. O fato é que entender, aceitar e sempre lembrar disso, se mostra como a chave que abre a caixinha da felicidade.

Hoje me deparei com mais uma bifurcação na escalada, só que pela primeira vez eu enxerguei claramente, além dos caminhos, a montanha. E ela era eu.

Um pato de repente bateu as asas e subiu no ar, cada vez mais alto, até desaparecer. Incrível. Apesar de sempre saber que patos voam, eu nunca tinha visto um voando.

O autor

Bertoldo Gontijo é um jovem escritor de 38 anos, brasileiro, tatuado e apaixonado pela cultura rock. Trabalha em seu estúdio de design, é guitarrista de uma banda em São Paulo e também redator freelancer, tendo algumas matérias publicadas pela revista MTV Brasil.

Seu primeiro romance, “Antes Tarde do que Sempre”, conta de maneira bem humorada as desventuras de um roqueiro maduro que relembra a sua história em busca dos motivos que o levaram a ser infeliz. Este livro foi elogiado por diversos profissionais do show business e do mercado editorial brasileiro.

Hoje Bertoldo está escrevendo o seu segundo romance, trabalhando muito e curtindo seu filho de cinco anos que também já é fã dos Beatles e dos Rolling Stones.

Nota autobiográfica

“Pela primeira vez na vida me senti importante. O rock tinha me proporcionado isso e ninguém tiraria isso de mim nunca mais.” Desafine a primeira corda o bom ouvinte de rock & roll que nunca se sentiu assim, de alma lavada e auto-estima em dia por causa dele, do rock. O estilo de música que se tornou uma maneira de levar a vida é a razão de ser da estréia nas letras do jovem autor brasileiro Bertoldo Gontijo. Antes Tarde do que Sempre sublinha o banal da vida de um adolescente, mais tarde adulto, mas ainda adolescente, dando novas formas e cores a acontecimentos comuns a todos como a primeira transa, o primeiro baseado, e outros nem tão comuns, como o primeiro show ao vivo, a primeira vez com duas mulheres ao mesmo tempo. Real, escrito de maneira leve, mas nem por isso sem força ou obtusa, esta é uma obra para ser degustada vorazmente, em um só acorde maior, de uma só vez. Finalizada a leitura, duas vontades me vêm à tona: a de ligar uma guitarra no talo e tirar o som mais raioso e alto possível; a de sentar e escrever, escrever. Se nem todas as experiências de vida rendem bons livros, as de Bertoldo vão render ainda mais histórias e, consequentemente, mais experiências aos leitores.

Ricardo Franca Cruz
Rolling Stone Brasil
Editor-chefe